



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CLA - FACULDADE DE LETRAS

COMISSÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

O MOVIMENTO A E A-BARRA EM BAKAIRI (CARIBE)

Benedito de Sales Santos

Faculdade de Letras/UFRJ

Setembro de 2022

O MOVIMENTO A E A-BARRA EM BAKAIRI (CARIBE)

Benedito de Sales Santos

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Professora Doutora Tânia Conceição Clemente de Souza.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
O MOVIMENTO A E A-BARRA EM BAKAIRI (CARIBE)

Benedito de Sales Santos

Orientadora: Professora Doutora Tânia Conceição Clemente de Souza

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Examinada por:

Presidente, Profa. Dra. Tânia Conceição Clemente de Souza (UFRJ/MUSEU NACIONAL)

Profa. Dra. Aléria Cavalcante Lage (UFRJ)

Prof. Dr. Evandro de Sousa Bonfim (MUSEU NACIONAL)

Profa. Dra. Elizabete de Lemos Vidal (UFPA)

Prof. Dr. Sidney da Silva Facundes (UFPA)

Prof. Dra. Aniela Improta França (UFRJ), Suplente

Dr. Rogério Santos Júnior (SEDUCRJ), Suplente

CIP - Catalogação na Publicação

S237m Santos, Benedito de Sales
O Movimento A e A-barra em Bakairi (Caribe) /
Benedito de Sales Santos. -- Rio de Janeiro, 2022.
89 f.

Orientadora: Tânia Conceição Clemente de Souza.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós
Graduação em Linguística, 2022.

1. Língua indígena. 2. Gramática gerativa. 3.
Teoria X-barra. 4. Verbos Inacusativos e
Inergativos. 5. Movimentos. I. Souza, Tânia Conceição
Clemente de , orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE LETRAS E ARTES
FACULDADE DE LETRAS
COMISSÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ATA DE ARGUIÇÃO DE TESE- DOUTORADO

Ata de Arguição de número:

No dia 21/09/2022, às 14:00h, de forma totalmente remota conforme autorizado pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, compareceram a Banca Examinadora abaixo nomeada e o(a) discente **Benedito de Sales Santos**, matriculado na UFRJ sob o número (DRE)116067477 como aluna(o) do curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística para o Ato da Arguição da Tese de Doutorado intitulada “**MOVIMENTO-A e A-BARRA EM BAKAIRI (CARIBE)**”, que teve por orientador(a) Profa. Dra. Tania Conceição Clemente de Souza, pela qual o(a) candidato(a) pleiteia o título de Doutor(a) em Linguística.

A Banca Examinadora, aprovada pela Comissão de Pós-Graduação e Pesquisa da Faculdade de Letras em / / foi presidida por Tania Conceição Clemente de Souza, e contou, ao todo, com os seguintes integrantes, todos Doutores:

	Nome	Programa	IES	Assinatura
1	Tania Conceição Clemente de Souza	PPGLIN	UFRJ	
2	Aleria Cavalcante Lage	PPGLIN	UFRJ	
3	Elizabete de Lemos Vidal	/////	UFPA	
4	Evandro de Sousa Bonfim	/////	Museu Nacional	
5	Sidney da Silva Facundes	/////	UFPA	

Após a abertura dos trabalhos, a Presidência deu a palavra à(o) Aluna(o) Doutoranda(o), para apresentar sua Tese em 30 minutos e, em seguida, deu início à arguição, realizada por cada um dos membros da Banca Examinadora. A Banca Examinadora, após o exame da Tese e arguição do Aluno Doutorando, decidiu pela:

(X) **aprovação da Tese.** () **reprovação da Tese.** () **revisão da Tese** (neste caso, obedecendo as exigências relacionadas abaixo).

Ao término dos trabalhos, às 17:30 horas, a Banca Examinadora teceu as seguintes considerações:

A banca elogia a apresentação oral da tese, a interação com os membros da banca e a dedicação à teoria gerativa no intuito de explicar a sintaxe de uma língua indígena. A banca ressalta, ainda, a originalidade da Tese e a importância do tema para os estudos da família Caribe em seu todo. Recomenda-se revisão de alguns aspectos de conteúdo e textual.

A banca concede o prazo de () 60 dias () 90 dias, que se encerra em ____/____/_____, para que o Aluno Doutorando apresente nova versão da Tese, com as correções ou ajustes relacionados acima, a serem avaliados pelos membros da Banca designados a seguir. Os membros da Banca indicados para a avaliação da revisão (mínimo de dois), são os seguintes:

Lida esta Ata, o Presidente deu por encerrada a Sessão e o discente tomou ciência, como atesta a assinatura abaixo

Assinatura do aluno:

Rio de Janeiro, 21/09_/2022

RESUMO

Nesta tese, investigamos o movimento de extração A e A-barra de sentenças simples na língua Bakairi. O movimento A-barra é bastante produtivo em Bakairi, pois a língua possui uma série de palavras QU as quais podem ser movidas para periferia esquerda das sentenças. Além desse movimento, há também o movimento de elementos para foco. Entretanto, o movimento para foco está envolto em complexas relações estruturais ligadas aos morfemas que definem o paradigma dos verbos inacusativos (**-aki~-agi**) e o paradigma dos verbos inergativos (**-tai~dai**). Desse modo, a discussão sobre uma possível diferença entre movimento e extração de argumento é suscitado nas análises, uma vez que, para compreender as estruturas ancoradas no CP, é necessário também elucidar o fenômeno da ergatividade que atinge vários aspectos da sintaxe da língua, e que organiza as várias estruturas para que a gramaticalidade seja respeitada.

Para traçar o percurso histórico do grupo indígena Bakairi, utilizamos o trabalho de Von Den Steinen (1884), para discutir as questões da morfologia verbal em Bakairi, tomamos como base os trabalhos de Souza (1994, 1995, 1997,1999), e para os problemas sobre alinhamento e desalinhamento de argumento, consultamos os trabalhos de Dixon (1979,1994), para entendimento do movimento A-barra, ilhas sintáticas e periferia esquerda da sentença, utilizamos os trabalhos de Chomsky (1995), Mioto (2000), Rizzi (1999) e Cinque e Rizzi (1994, 1995, 1999 e 1997).

Foi possível concluir que, apesar de a teoria não fazer distinção entre movimento e extração, optamos por estabelecer essa diferença porque na língua Bakairi o movimento da palavra QU gera dois fenômenos: 1 - movimento como deslocamento de elemento, o qual deixa um vestígio co-indexado; e 2 - desalinhamento dos argumentos (SOV 3ª singular) (OVS - 1ª e 2ª) e a nominalização verbal, além de marca de extração *ne* e *tibi*.

Palavras-Chave: Bakairi, Teoria X-barra, Movimento de Extração A-barra, Verbos Inergativos e Inacusativos.

ABSTRACT

In this thesis, we investigate the A and A-bar extraction movement of simple sentences in the Bakairi language. The A-bar movement is very productive in Bakairi because the language has several WH words that can be moved to the left periphery of sentences. Besides this movement, there is also the movement of elements to focus. However, the movement to focus is involved in complex structural relations linked to the morphemes that define the paradigm of the inaccusative verbs raki(-aki~-agi) and the paradigm of the inergative verbs taki(-tai~dai). Therefore, the discussion about a possible difference between movement and argument extraction is raised in the analyses. So, in order to understand the structures anchored in the CP, it is also necessary to elucidate the phenomenon of ergativity that affects various aspects of the syntax of the language, and that organizes the various structures so that grammaticality is respected.

To map the historical course of the Bakairi indigenous group, we used the work of Von Den Steinen (1884). To discuss the questions of verbal morphology in Bakairi, we took as our basis the works by Souza (1994, 1995, 1997, 1999) and for the problems about argument alignment and misalignment, we used Dixon's works (1979, 1994). We also used the works of Chomsky (1995), Mito (2000), Rizzi (1999) as well as Cinque and Rizzi (1994, 1995, 1999, and 1997) for the understanding of A-bar movement, syntactic islands, and sentence left periphery.

It was possible to conclude that, although the theory does not distinguish between movement and extraction, we chose to establish this difference because in the Bakairi language the movement of the WH word generates two phenomena: 1 - movement as element displacement, which leaves a co-indexed trace; and 2 - argument misalignment (SOV 3rd singular) (OVS - 1st and 2nd) and verbal nominalization.

Keywords: Bakairi, X-bar Theory, Extraction Movement, Inaccusative and Inergative verbs

*“Para ser lama, é preciso ser lume, sem qualquer
vestígio de limo, sem qualquer dúvida sobre o
leme... Diante do infinito e do que sopra, saber
quer dizer Saluba”*

*Para Mameto Zumba - Nanã,
e em memória dos meus dois griôs, Gemina e
Gércio.*

AGRADECIMENTOS

A meu pai Şàngó, que com sua imensa misericórdia, orientou-me a ter equilíbrio nas vicissitudes pelas quais passei ao longo desse processo de doutoramento.

À professora Tânia Clemente de Souza que, quando me conheceu, no corredor de entrada do prédio de letras da UFRJ, nem fazia ideia de que eu quebraria o seu ciclo mitológico de transformar todas as teses em que tocava em ouro, a exemplo de Midas. Com toda a paciência, não conseguiu transformar a tese em ouro, mas pelo menos conseguiu tirar leite de pedra. Peço desculpas por já ter chegado intelectualmente quebrado quando a conheci.

À professora Márcia Dâmaso (*in memoriam*), suas contribuições na qualificação foram importantíssimas para a grande mudança nos rumos teóricos desde trabalho.

Ao professor Evandro Bonfim, o qual trouxe sua visão antropológica enriquecedora para o capítulo sobre a história do povo Bakairi.

À professora Aléria Lage, minha primeira professora de teoria gerativa na UFRJ, quem também sempre me ajudou, quando precisei, nas questões administrativas durante a sua gestão no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ.

A meus pais Gércio Maciel (Demétrio) e Gemina Sales (*in memoriam*), a quem eu carinhosamente chamava de meus “véios”, os quais não puderam ver o filho se tornar doutor, porque deixaram o Aiê para virarem ancestrais no Orum antes da tese concluída.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	12
2. A língua Bakairi.....	14
2.1 Bakairi: informações geográficas, históricas e etnográficas sobre o povo e a língua.....	14
2.2 O lugar da Língua Bakairi na Família Caribe.....	28
2.3 Alguns estudos sobre o povo e a língua Bakairi.....	31
3. O movimento A-barra.....	34
3.1 As ilhas sintáticas.....	38
3.2 A estrutura do <i>Complementizer Phrase</i> (CP).....	44
3.3 Aspectos gramaticais da Língua Bakairi.....	44
3.3.1 Os marcadores de pessoa em Bakairi.....	45
3.3.2 A morfologia verbal da língua Bakairi.....	47
3.3.3 A manifestação da ergatividade na língua Bakairi.....	49
4. O movimento QU e a Teoria X-barra.....	54
4.1 Tipos de Movimento.....	54
4.2 Sentenças clivadas como estratégia de foco.....	63
4.3 Adjunção.....	65
4.4 Movimento QU.....	66
4.5 Movimento QU em Bakairi.....	66
4.6 As palavras QU da língua Bakairi.....	75
5. Conclusão.....	80

LISTA DE ABREVIações

ABS	<i>absolutivo</i>
ACC	<i>acusativo</i>
C	<i>consoante</i>
CP	<i>Complementizer Phrase</i> – Sintagma Complementizador
DP	<i>Determiner Phrase</i> – Sintagma Determinante
DS	<i>Deep Structure</i> – Estrutura Profunda
EPP	<i>Extended Projection Principle</i> – Princípio da Projeção Extendida
ERG	<i>ergativo</i>
IP	<i>Inflectional Phrase</i> – Sintagma Flexional
LF	<i>Logical Form</i> – Forma Lógica
NOM	<i>nominativo</i>
NONFUT	<i>não futuro</i>
NP	<i>Noun Phrase</i> – Sintagma Nominal
P&P	<i>Theory of Principles and Parameters</i> – Teoria de Princípios & Parâmetros
PF	<i>Phonological Form</i> – Forma Fonológica Prep preposição
Spec	<i>Specifier</i> – Especificador
SS	<i>Surface Structure</i> – Estrutura Superficial
QU	<i>WH-question</i> - Sintagma QU
IP	<i>Inflection Phrase</i> – Sintagma Temporal
VP	<i>Verbal Phrase</i> – Sintagma Verbal

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Classificação da Família Caribe - Girard.....	29
Quadro 2: Classificação da Família Caribe - Kaufman.....	30
Quadro 3: Classificação da Família Caribe - Durbin.....	31
Quadro 4: Marcas de pessoa para verbos intransitivos.....	46
Quadro 5: Marcas de pessoa para verbos transitivos.....	47
Quadro 6: Marcas de pessoa para verbos transitivos.....	47
Quadro 7: Morfemas que se juntam a raízes de verbos monoargumentais.....	49
Quadro 8: Lista de papéis temáticos.....	60

LISTA DE FOTOS

Foto 1: Máscara Bakairi.....	23
Foto 2: Cuia Bakairi.....	23

FIGURAS

Figura 1: Jornada da Expedição de Steinen.....	16
Figura 2: Aldeia Bakairi de Paranatinga.....	17
Figura 3: Capitão Reginaldo e sua esposa.....	18
Figura 4: Bakairi tocando seus instrumentos.....	19
Figura 5: Aldeia Bakairi.....	19
Figura 6: Steinen fazendo medições em indígena.....	22
Figura 7: Antônio, guia da expedição.....	22
Figura 8: Grafismo.....	23
Figura 9: Grafismo - cuia Bakairi.....	23
Figura 10: Movimento de argumento, de núcleo e de palavra QU.....	38
Figura 11: Movimento de núcleo e de argumento.....	38
Figura 12: Movimento de argumento, de núcleo e da palavra QU.....	40
Figura 13: Movimento de argumento, de núcleo e da palavra QU.....	41
Figura 14: Esquema das camadas dos núcleos.....	44
Figura 15: Representação dos núcleos formadores do CP.....	46
Figura 16: Representação da força ilocucionária.....	47
Figura 17: Representação do movimento A-barras.....	59
Figura 18: Concha onde são atribuídos caso e papel temático.....	62
Figura 19: Árvore de sentença clivada.....	81

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização da Família Caribe.....	15
Mapa 2: Terra Indígena Bakairi e Terra Indígena Santana.....	25

1 - Introdução

A presente tese se propõe a discutir os constituintes A e A-barras extraídos de sentenças simples da língua bakairi (Caribe), mais especificamente de sentenças monoargumentais, aquelas constituídas de verbos inergativos e inacusativos. O Spec do CP é uma posição não argumental que abriga vários elementos como tópico, foco, força discursiva, além de constituintes que são interpretados na sua posição *in situ*, na *Deep Structure* (DS), como o sintagma QU, mas pronunciados na posição movida para a *Surficial Structure* (SS) na fase do *Spell-out*. Optamos por utilizar a base teórica do programa gerativo de Princípios e Parâmetros (P&P) versão da teoria de Chomsky (1975 e 1981), por entender que ela consegue dar conta da complexidade das estruturas que a língua Bakairi apresenta, além de recorrer aos trabalhos de Ross (1967) para definição de ilhas sintáticas e dos trabalhos que compõem o ecossistema teórico da chamada cartografia sintática na figura de Rizzi (1997), e Cinque e Rizzi (1994, 1995, 1997 e 1999).

A língua Bakairi é uma língua sintaticamente ergativa, fato defendido nos trabalhos de Souza (1994, 1995, 2004, 2006, 2012, 2014, 2018). É importante mencionar esse dado porque a configuracionalidade dos argumentos dos verbos monargumentais de uma língua ergativa apresenta uma peculiaridade que a difere de línguas nominativo-acusativo. Enquanto em uma língua nominativo-acusativo a diferença, em termos estruturais, da configuração dos argumentos se dá por meio de argumento externo e interno ao VP: verbo inergativo possui argumento externo com traços de agentividade, por outro lado o verbo inacusativo possui argumento interno com traços de paciente/tema. Ao passo que uma língua ergativa, ambos os argumentos são internos e as diferenças se dão por meio de algumas marcas morfológicas manifestadas no nome.

Souza (1994), afirma que a língua bakairi não expressa sua ergatividade por meio de marcas morfológicas de caso nos nomes, mas está atrelada a um conjunto de outras marcas além das marcas de pessoa de base morfológica e sintática. O sistema de referência de pessoa, co-referencialidade, vinculação e controle, cuja morfologia verbal consegue organizar, é uma dessas maneiras de a língua manifestar ergatividade.

Os verbos monoargumentais em Bakairi são divididos em dois paradigmas que não foram bem descritos por Von den Steinen (1884), tampouco por Capristrano de Abreu (1895), mas que Souza (1994) conseguiu sistematizar ao longo de mais de

quarenta anos de trabalho. O paradigma onde estão vinculados os verbos inacusativos é o (-aki~-agi) e o paradigma dos verbos inergativos é o (-tai~dai). São esses dois paradigmas que irão nortear a extração, pois os verbos inergativos permitem a extração na língua, por outro lado, os inacusativos não permitem, sem que ocorra o desalinhamento dos argumentos. Essas características da língua bakairi só vieram a ser tratadas dentro da perspectiva formal no trabalho de Souza (1994).

No primeiro capítulo, reunimos alguns aspectos etnológicos do povo Bakairi, os quais remontam desde o primeiro contato com o etnólogo alemão Von den Steinen, em 1884, até alguns trabalhos mais recentes de linguistas e antropólogos, como a dissertação de mestrado escrita por Valdo Xagope, um indígena da etnia Bakairi que nos apresenta uma visão da memória de seu povo e nos revela as subjetividades que somente a sua experiência pode narrar. Além disso, apresentamos um inédito relato histórico do povo Bakairi sob o olhar do indígena, Márcio Bakairi.

O segundo capítulo traça um breve percurso histórico do programa gerativo, com ênfase no módulo da teoria X-barras, versão de P&P da década 1990. Esse módulo, juntamente com os outros desdobramentos do empreendimento gerativo, são a base epistemológica para análise do movimento de extração de palavra-que em sentenças simples da língua Bakairi.

No terceiro capítulo, reunimos os dados coletados por Tânia Clemente de Souza em seus mais de quarenta anos de trabalho com o povo e a língua bakairi, bem como, reprodução de algumas de suas descrições sobre a língua Bakairi. São justamente esses dados e essas análises que permitiram que se pensasse em revisitar o movimento A e A-barras com vistas a elucidar os movimentos de extração da língua, demonstrando na estrutura arbórea o estatuto gramatical de partículas QU e dos morfemas que caracterizam os paradigmas de verbos monoargumentais na língua.

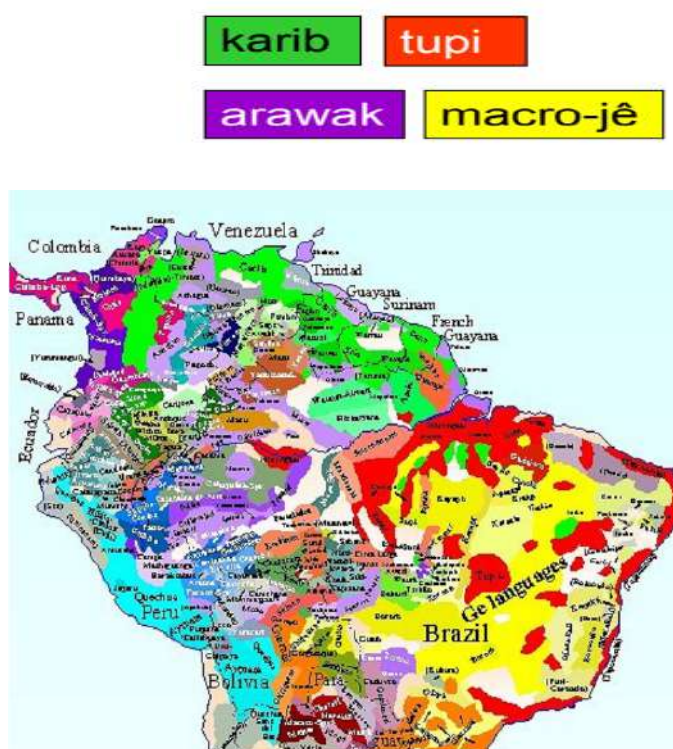
No quarto capítulo, também baseado em análises de Souza, discutiremos os dados de palavras QU e movimento de foco implementados pela clivagem, suas semelhanças e restrições provocadas pelo desalinhamento de argumentos na língua Bakairi.

2. A Língua Bakairi

Neste capítulo, iremos tratar das origens histórico-geográficas do grupo indígena Bakairi, bem como, de sua filiação genética à família linguística Caribe. Esse caminho a ser percorrido vai desde o primeiro contato com o não indígena, período que remonta ao final do século XVIII e início do século XIX, cujos documentos mais importantes são os diários das expedições de Von Den Steinen. Entretanto, este trabalho traz também o olhar legítimo de Valdo Kutaiava Xagope e Márcio Bakairi, dois representantes dos dois grupos da etnia Bakairi que vivem nas terras indígenas Bakairi e Bakairi de Santana respectivamente.

2.1 Bakairi: Informações geográficas, históricas e etnográficas do povo e da língua

A língua Bakairi (Caribe) está filiada geneticamente à Família Linguística Caribe. Essa família linguística era bastante numerosa antes do descobrimento. No recorte histórico seguinte, os primeiros povos Caribe e suas respectivas línguas foram encontrados pelos europeus vivendo nas ilhas do Caribe, no litoral das Guianas e da Venezuela, conforme mostra o mapa abaixo do período aproximado a 1500:



Mapa 1: Localização da família linguística Caribe
Fonte: extraído do site <http://titus.uni-frankfurt.de>

Para Meira(2006), apenas a partir dos trabalhos desenvolvidos pelo missionário jesuíta pe. Filippo Salvatore Gili, intitulado *Saggio di Storia Americana* (Ensaio de História Americana, publicado em quatro volumes entre 1780 e 1783), que se observou as semelhanças entre as línguas da região onde ele exercia suas atividades religiosas (o médio Orinoco, na Venezuela, onde se falavam o Tamanaku, o Pareka, o Avarikoto etc.). Foi a partir dessas observações que esse religioso passou a se referir ao “caribe” (ou galibi) como “língua-mãe” a partir da qual se derivavam várias outras línguas faladas na Bacia do Orinoco. Essas línguas se encontram atualmente no interior do Maciço das Guianas e na região entre o rio Orinoco, na Venezuela, e no estado de Roraima, no Brasil.

Já no século XIX, é certo de que ocorreram migrações posteriores condicionadas às práticas típicas de sociedades nômades. Período que certamente a dinâmica populacional indígena já havia mudado drasticamente, em parte por consequência das disputas entre os povos, mas principalmente pelo extermínio implementado pela atuação do colonizador. Um extermínio não apenas no âmbito físico, o genocídio, mas também no âmbito ontológico e cosmológico que geraram essa diáspora indígena, a qual assim classifico por não conhecer um termo mais específico para designar esse movimento de dispersão dos povos que saem de seu lugar obrigados por forças alheias a sua vontade.

É nesse contexto no qual os povos Caribe já estavam dispersados, que alguns etnólogos iniciaram expedições pelo Brasil com vistas a identificar e registrar a variedade linguística e humana existente no país. No caso dos Bakairi, cuja língua de nome homônimo iremos tratar neste trabalho

Souza (1994), narra que os relatos de contato que se tinha desse povo eram poucos, limitavam-se a registros de viajantes e de bandeirantes que os encontravam em expedições, mas que apenas citavam a existência do povo, sem qualquer interesse em estabelecer contato mais prolongado com eles. Por esse motivo, o recorte temporal que registra a história dos Bakairi, além de outros descritos por Meira (*ibidem*), remontam às primeiras expedições do etnólogo alemão Von den Steinen, no final do século XIX (1884 e 1887), período também que marca a reaproximação dos dois grupos Bakairi existentes em território brasileiro. Foram essas expedições que chamaram a atenção para a existência desse povo no Brasil, com projeção para o mundo.

Apesar de se acreditar que os povos Caribe residiam, em sua maioria, nos países da região do Caribe, o povo Bakairi e alguns outros povos Caribe possuem em sua memória histórica os relatos dessa migração para regiões mais ao centro do Brasil, como alguns grupos mais afastados apontados por Meira (*ibidem*): os Arara, no sul do Pará; os Ikpeng e os Kuikuro no Alto Xingu; e o Bakairi, mais ao sul, próximos aos rios Paranatinga e Arinos.

A informação de que o povo bakairi¹ vivia na região do Xingu, está contida nos relatos da obra “O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do Rio Xingu, uma espécie de diário da viagem que Dr. Karl Von Den Steinen”, juntamente com seus companheiros, Dr. Clauss e W.V.D. Steinen (este último responsável pelos desenhos realistas) fizeram pelo centro do Brasil.²



Figura 1: Jornada da expedição de Steinen
Fonte: extraído de O Brasil Central, p. 137

Os relatos da primeira referência ao nome Bakairi, segundo Von Den Steinen, presente no capítulo VII intitulado “Marcha de Cuiabá ao Rio Novo, os Bakairís Mansos”, foi feita pelo explorador José Gonçalves da Fonseca quando da sua viagem ao Pará em 1749. Uma posterior referência ao povo Bakairi só foi feita pelo pe. Ayres de

¹ Considerados por Steinen como os bakairi mansos: “Capitão Reginaldo possuía uma qualidade admirável de uma fácil apreensão, exprimindo-se, de maneira clara, em português” (...) p. 124 (...) todos entendiam, pelo menos, migalhas de português p. 126 O Brasil Central (1942).

² A expedição era composta por 38 pessoas, dentre indígenas tupi, militares do piquete e da infantaria, além de mulas, cavalos, bois e cães, p.106 O Brasil Central (1942).

Cazal em 1817: “os Baccahyris, que habitam as regiões vizinhas do rio das Mortes, mantém uma guerra continua contra toda a espécie de quadrúpedes e aves. Até hoje essa população nunca infligiu nenhum mal aos cristãos. Diz-se que são brancos de aspecto amistoso” Steinen (1884, p. 123).

O que se sabia era que existiam dois aldeamentos de Bakairi “mansos”: um no Rio Novo e outro no Rio Paranatinga. Inclusive esses aldeamentos não eram antigos porque seus habitantes haviam nascido no “Salto”. Além disso, eles já haviam tido contato com o cristianismo. Esse dado foi confirmado por volta de 1820, quando Pero Lopes de Souza chefiou uma expedição à procura do outro grupo Bakairi. Esse explorador penetrou no território Bakairi e relatou a conversão desses indígenas ao cristianismo. Vinte e quatro anos depois, quando a expedição de Steinen teve o primeiro contato com esses Bakairi, essa informação foi constatada.

Esse primeiro contato entre a expedição e os Bakairi ocorreu às 09h00 da manhã, do dia 14 de junho de 1884, quando a expedição confirmou o avistamento do primeiro aldeamento dos Bakairi, já que no final da tarde do dia anterior, eles já haviam avistado duas colunas de fumaça que julgavam ser desses aldeamentos, uma mais próxima e outra bem distante.



Figura 2: aldeia Bakairi de Paranatinga
Fonte: extraído de O Brasil Central, p. 124

Conforme os relatos, havia de fato duas aldeias dos Bakairi “mansos”, as quais estavam sob o comando do “Diretor dos Índios” em Cuiabá. O Capitão Reginaldo era brasileiro³. A aldeia onde a expedição chegou foi a do Rio Novo, a qual contava com seis ranchos e uma população de 55 pessoas, entre homens, mulheres e crianças. As mulheres viviam em um aldeamento distante duas léguas dali, uma vez que, o aldeamento era de uso de administração rural ou quando havia visitas. A expedição foi recepcionada com bastante cortesia. Foi oferecido pedaços de cana-de-açúcar para chupar e alguns goles de aguardente.

Indagado pela existência de outro rio do outro lado do Paranatinga, Reginaldo lembrara de histórias de sua infância que relatavam a existência de um grande rio depois do Rio Paranatinga, onde habitavam os “antigos”, ou seja, os Bakairi que não haviam sido convertidos ao cristianismo.



Figura 3: Capitão Reginaldo e sua esposa Inês
Fonte: extraído de O Brasil Central, p. 125

Os traços dessa colonização é percebida nos nomes cristãos, até mesmo nos instrumentos músicas que eram tocadas como guitarras, as quais foram confeccionadas a partir do contato com os colonos de Mato Grosso. Mas os Bakairi possuíam também seus instrumentos tradicionais: grandes e pequenas flautas,

³ Talvez Steinen quisesse dizer que Reginaldo era indígena não “selvagem”, pois apesar de os Bakairi serem de outra etnia, eles também são brasileiros. Embora algumas pessoas considerarem a reivindicação de cidadania brasileira por negros e indígenas ser uma reivindicação suicida, uma vez que negros e indígenas são a antítese da sociedade brasileira a qual utiliza de várias tecnologias sociais para os eliminar.

confeccionadas com bambu e que, segundo Steinen, se pareciam com fagote. Assim que escurecia, os Bakairi começavam a fazer música, versos entoados com seus instrumentos em louvor a seres inanimados, entidades da natureza como a lua, aos cães, às frutas.

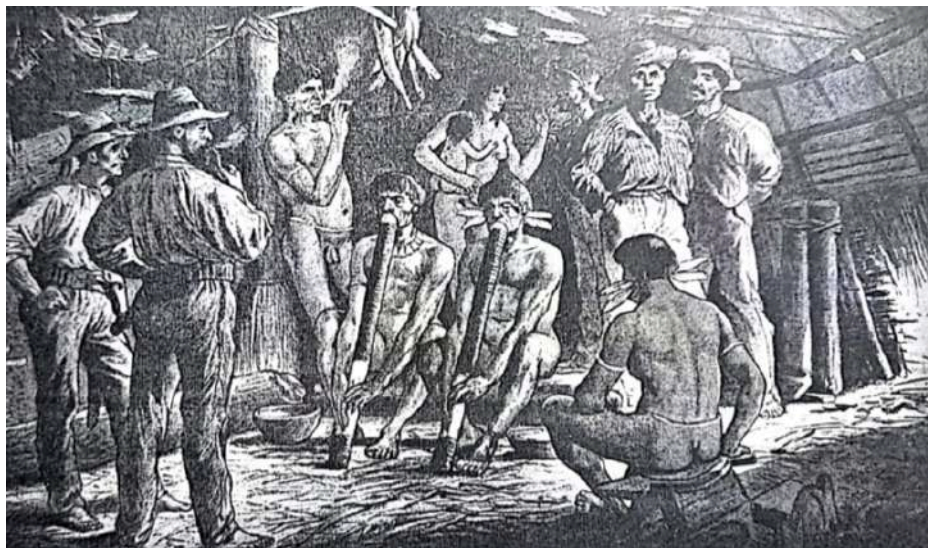


Figura 4: Bakairi tocando seus instrumentos
Fonte: extraído de O Brasil Central, p. 205

No registro do contato de Von Den Steinen com povo Bakairi, grupo que atualmente vive na Área Indígena Pankuera, ele os descreveu como semi-brasileiros, pois alguns indígenas já usavam roupas, apesar de a maioria ainda andarem nus: “ Alguns sujeitos de torso nu correram para dentro das quatro habitações que lá existiam. Outros vestidos apareceram”.

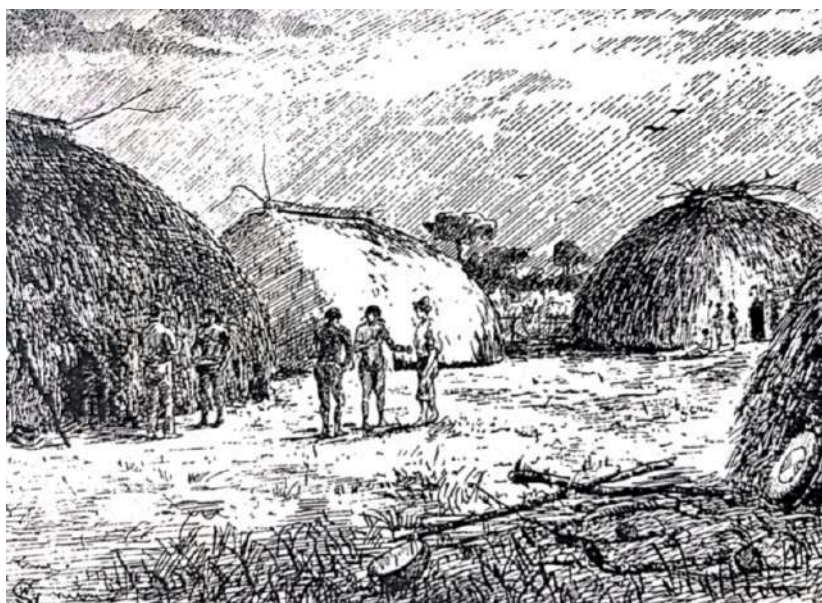


Figura 5: aldeia Bakairi
Fonte: extraído de O Brasil Central, p. 191

Criavam gado e faziam roças, tal qual brasileiros que viviam em alguma área rural do interior do Brasil naqueles tempos. Esse é o melhor exemplo do nível de contato que os Bakairi de Paranatinga já haviam estabelecido com os não índios, pois, segundo relatos de um colaborador Santaneiro, Márcio Bakairi, os seus antepassados já tinham uma relação forte com a cidade de Diamantino, no Mato Grosso, contato motivado principalmente pela relação de trabalho proveniente da exploração muito grande de garimpo de diamante que ocorria nessa região, por volta de meados do século XVIII e início do século XIX.

A cidade de Diamantino foi fundada em 1726 e, por volta de 1738, atraiu uma população de aproximadamente 5000 pessoas por conta da exploração de diamante. Para a época, esse número de pessoas representava uma estimativa populacional elevada, e traduzia, em níveis demográficos, quão grande foi a exploração de diamantes naquele lugar.

Como a cidade Diamantino fica localizada na nascente do Rio Paraguai, o qual deságua na Bacia do Rio Prata e do Rio Coxipó, o qual liga a Bacia do Rio Prata à Bacia do Coxipó, esse emaranhado de rios permite a navegação até a cidade de Cuiabá. Essa geografia facilitava o caminho dos bandeirantes. O Rio Paraguai nasce perto da área Indígena de Santana, início da Bacia Amazônica formada pelos rios que desaguardam no Rio Xingu, portanto, um lugar de encontro de águas, mas sobretudo de fluxo de pessoas, o que pode ter facilitado esse contato com os bakairi.

Sob essa perspectiva, supõe-se que de algum modo os Bakairi deviam ter muito contato com os habitantes de Diamantino, pois em relatos desse colaborador, o seu povo desceu o Rio Arinos até chegar a Diamantino, lá permanecendo por um tempo. O governo da província reservou uma área aos bakairi e lá o povo permaneceu até 1820 ou 1830. Depois desse período, o povo subiu o Rio Preto e voltou para o Rio Arinos e depois para o Rio Novo onde permanecem até hoje, na região do Morro Chato, lugar onde se localiza Santana e outras aldeias atuais.

Por outro lado, o povo Bakairi de Paranatinga (Pakuenra) vieram por outra região, mas alguns nasceram em Santana e depois migraram para Paranatinga em busca

da lendária “Mina dos Martírios”. Esses Bakairi partiram em expedição na busca dessa mina, pois achavam que seria na região do Mato Grosso, só depois de algum tempo ficaram sabendo que se tratava da Serra Pelada, no Pará. Foi nessa expedição que alguns desistiram da busca e se fixaram em Paranatinga, mas mantendo contato com os Bakairi do Rio Doce. Desse modo, o período de contato do povo Bakairi com o não índio, ocorreu em momento anterior a 1884, período em que Von der Steinen faz o primeiro contato, pois quando ele chega até as aldeias Bakairi, os Bakairi já se comunicavam em português, a exemplo do capitão Reginaldo, interlocutor da Steinen, que se comunicava bem em português e em Bakairi.

Em 1884, a passagem de Von den Steinen pela comunidade dos Bakairi de Paranatinga acaba por fortalecer e unir os grupos dispersos em um único local, ao passo que os Bakairi de Santana, ficaram um pouco isolados, sem muito contato com os outros povos que habitavam a região, até mesmo com os Bakairi de Paranatinga. O único contato do grupo de Santana era com os colonizadores que, além de proibirem os bakairi de falar o idioma, ainda implementaram políticas de criminalização dos indígenas e sua cultura, uma política de repressão muito forte que teve o seu auge na década de 1980, gerando a típica situação de um povo oprimido, cujos resultados são, entre outros, a vergonha de falar o próprio idioma por algumas famílias e dispersão por disputas internas ao grupo. Atualmente, na terra indígena de Santana, existe cerca de 300 indivíduos, entretanto há muitos bakairi que estão em contexto urbano em cidades como Cuiabá e Nobres.

Steinen assim se refere à sua primeira impressão: “civilizados, apesar das orelhas e do septo nasal perfurados”. Os Bakairi dominavam a agricultura, uma vez que, além das atividades de caça e pesca, também cuidavam da lavoura diversificada: mandioca, milho, feijão, arroz, bem como do manejo de gado. Muitos possuíam o que Steinen chamou de migalhas de português, pois sem fluência, conseguiam se comunicar.

Steinen era médico, mas na literatura, encontram-se outros títulos atribuídos a ele também, como por exemplo, antropólogo e etnólogo. Esses fatos e o contexto histórico/social no qual estava inserido explicam o porquê de ele catalogar seres humanos não europeus como se fossem espécimes, observando seus traços fenotípicos e atribuindo valores a algumas características como boas ou ruins. Em O Brasil central, encontram-se inclusive desenhos do contorno das mãos e dos pés de alguns Bakairi. Sob essa perspectiva, Steinen registrou algumas dessas práticas apresentando os Bakairi

da aldeia de Paranatinga, com descrição e com desenhos realistas: “eles possuíam uma estatura média de 1,65m. Chamavam a atenção pela larga e forte caixa torácica. A pele era amarelada, terrosa ou muito clara, a maioria possuía cabelo preto e ligeiramente anelado ou ondulado. Em geral os olhos eram rasgados e bonitos”.



Figura 5: Steinen fazendo medições de indígena
Fonte: extraído de O Brasil Central, p. 202



Figura 6: Antônio, guia da expedição na aldeia
Fonte: extraído de O Brasil Central, p. 147

Sobre os artefatos confeccionados de argila e outros materiais, abaixo estão algumas figuras de objetos de uso cotidiano e grafismos registradas por Wilhelm em 1884, e o material fotografado por Valdo Xagope nos dias atuais:



Figura 7: grafismo
Fonte: extraído de O Brasil Central, p.193



Foto 1: máscara Bakairi
Fonte: tese de Valdo Xagope, p.25



Figura 8: gravura de cuia Bakairi
Fonte: extraído de O Brasil Central, p.193



Foto 2: cuia Bakairi
Fonte: dissertação de Valdo Xagope, p.25

Observa-se que, apesar de haver uma distância temporal de aproximadamente 135 anos, os registros realistas feitos por Wilhelm em 1884, e os objetos de uso cotidiano, como a cuia, fotografada por Valdo em 2019, ainda preservam semelhanças que garantem a identidade Bakairi nos traços de grafismo e pinturas ou nos artefatos registrados na atualidade.

No dia 28 de junho de 1884, a expedição de Steinen chegou ao outro aldeamento dos Bakairi “mansos” situado no Rio Paranatinga. Esse aldeamento tinha como capitão Caetano “Mêmo”, apelido dado por causa da expressão “isso mêmo” usada por ele. Esse aldeamento era menos populoso, composta de dez homens, oito mulheres e quatro crianças. Havia também duas mulheres pareci e duas mulheres cojibi, além de dois seringueiros não indígenas. Nesse aldeamento, as atividades da lavoura concentravam-se no plantio de mandioca, feijão, batata doce, cana. Esses produtos que eram fornecidos a uma Fazenda próxima chamada Córrego Fundo. O algodão que eles utilizavam para fiar, segundo eles, cresciam em toda parte por entre as habitações, a mamona que fornecia o óleo das lamparinas também.

Em 11 de agosto de 1884, a expedição chega no território dos Bakairi “brabos”. Avistaram duas canoas próximas a uma cachoeira e outros indícios de que esses indígenas estavam por perto. Foi o guia chamado Antônio, representado na figura 6, que estabelece o contato na língua bakairi com o indígena que se aproximara em tom ameaçador com arco e flecha armado e apontando na direção dos expedicionários. Estranhamento compreensível porque esses bakairi nunca haviam visto pessoas de tom de pele diferente da deles.

Apesar da desconfiança, a expedição foi recebida com cortesia. Os indígenas serviram grandes quantidades de beiju e puvas⁴, três qualidades de mingau colocados em grandes cuias. Não havia diferença na forma de tratamento⁵ que os bakairi “brabos” dispensavam aos membros da expedição, independente de hierarquias. Steinen ainda procedeu, como de costume, com as sua atividade de verificar as medidas e traços fenotípicos dos bakairi “brabos”. No dia 28 de agosto de 1884 a expedição deixou a terra dos bakairi “brabos” e seguiu viagem.

Nos dias atuais, os Bakairi estão divididos em dois grupos localizados em duas terras indígenas, conforme dados de Lamego (2006): Terra Indígena Bakairi (Pakuenra) (61.405 hectares), homologada em 1991, situada nos municípios de Paranatinga e Planalto da Serra, e a Terra Indígena Santana, (35.471 hectares), homologada em 1989, situada no município de Nobres, ambas localizadas no estado de

⁴ Pedações de massa de mandioca.

⁵ “Era deveras recreativo observar o tratamento absolutamente igual e indistinto que dispensavam aos soldados e a nós. Esse homem-macaco africano que era Chico parecia até ser mais importante para essa gente, e êle, como os outros, sempre apoiado na espingarda, recebia as homenagens com toda circunspeção, bebendo aos grandes goles” Steinen, p 189.

Mato Grosso, Centro-Oeste do Brasil, e distantes cerca de 170 km uma da outra. Segundo senso da FUNAI (2013), havia aproximadamente 1.100⁶ indivíduos vivendo nessas duas áreas indígenas, além dos que vivem em contexto urbano. Na figura abaixo, é possível observar a disposição das duas áreas indígenas:



Mapa 2: Terra Indígena Bakairi e Terra Indígena Santana, Mato Grosso

Fonte: artigo revista eletrônica Espaço Aberto

Barros (2000) relata que hoje os Bakairi vivem na região de serrado do norte de Mato Grosso, ao sudeste do Alto Xingu. Entretanto, na abordagem histórica que Barros faz sobre o povo Bakairi, ela afirma que o berço mítico desse povo esteve situado um pouco abaixo da confluência do rio Verde com o rio Paranatinga, que segundo relatos próprios viveram os primeiros Bakairi. Nesse lugar também se encontra a inscrição “pegadas de Kwamóty”⁷. Relatos parecidos com os reproduzidos por Steinen (1940, 336 *apud* Barros, 2000, 309).

Ao falar da cosmogênese de um povo, imediatamente recorro ao texto de Leonardo Boff, o qual nada tem a ver com linguística ou povos originários indígenas, mas

⁶ Em dissertação defendida em 2018, p.22, Valdo Kutaiava Xagope, indígena da etnia bakairi, estima que haja 1042 indivíduos.

⁷ Essa inscrição entalhada em uma pedra existia até bem poucos anos, mas hoje está deteriorado. “Kwamóty é um ser mítico e antropomorfo – gerado através de relações sexuais entre a filha de jatobá e Semino, o morcego, avô dos gêmeos e demiurgos Xixi e Nunã” Barros (309, 2000).

assinala para o respeito e coerência em deixar um povo contar a sua própria história, nada mais razoável utilizar esse trecho do livro *A água e a galinha*⁸, como epígrafe para justificar e delegar o local de fala a seu povo, mas isso só é possível de se fazer por meio do imaginário, dos mitos, do lugar social, do chão onde os pés do narrador pisam, do seu lugar legítimo de fala. Por isso os relatos que seguem, foram coletados por Barros (2000) das narrativas contadas pelos próprios indígenas.

Nas narrativas contadas pelos indígenas do grupo Bakairi, assim como os mitos de outros povos alto xinguanos, as representações de sol e lua são apresentados como seres criadores de todas as coisas ou entidades patergestoras da vida, seres equivalentes a Keri (Xixi) e Kezy (Nunâ) da mitologia Kuikuro, Barros (*ibidem*), como se pode observar no resumo do mito extraído da obra supracitada:

No tempo identificado pelos bakairi como “tempo da escuridão”, quando não existiam Xixi (Sol) e Nunâ (Lua), teria existido uma geração de bakairi que viviam embaixo de um pé de jatobá, abrigados pelas raízes e alimentados pelas suas folhas e frutos, nessas condições eram presas fáceis das onças, seu principal predador. Kwamóty, já crescido saiu para tirar seda de tucum, aí deparou-se com onças. Ele então, negocia sua vida, prometeu, mesmo sem ter, moças para casamento. Passou a criá-las dos troncos das árvores, quais sejam: Ilhogue, Âpanomagalo, Axumbanalo e Numaiakaniru e Ereiru.

A primeira e a última foram feitas de embiruçu, as demais foram feitas de sucupira, mas todas foram aprimoradas posteriormente depois de alguns experimentos mal-sucedidos com cabelos de seda de tucum e dentes de semente de mangaba. Finalizada a criação, enfeitou-as e realizou os casamentos. Apenas Ilhogue terminou por acompanhar o esposo Ikiumâny⁹. As outras ficaram para ir depois¹⁰, entretanto, apenas Numaiakaniru chegou a seu destino, as outras morreram no caminho.

⁸ Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre interpretação. (Leonardo Boff, 19, 2017)

⁹ Chefe das onças, ao que parece as onças também se metamorfoseavam em formas humanas.

¹⁰ “Por seguir uma regra de patrilocalidade observada no casamento dos líderes” Barros (310, 2000), revela, além disso, que o mito reflete uma regra social que rege os padrões morais da comunidade.

Ilhogue ficou grávida de ossos de bakairi que havia roubado do esposo e escondido entre as pernas, mas não deu à luz Xixie Nunâ porque a sogra a matou, desse modo, a irmã da mãe, Numaiakaniru, é quem extrai os gêmeos do ventre da morta e os cria. Eles eram seres híbridos: tinham rabo, eram peludos, possuíam grande nariz, os dedos das mãos e dos pés eram interligados por membranas.

Sob essa perspectiva, a união matrimonial que poderia pôr fim ao antagonismo entre onças e bakairi não se concretiza porque os gêmeos foram gerados pelos ossos de bakairi, portanto eram bakairi. Xixi e Nunâ matam Ikiumâny e sua mãe, o primeiro por não revelar onde estava o corpo de Ilhogue e a segunda por tê-la matado. Xixi passa então a fazer mais indígenas diferenciados por taquaras e várias outras madeiras. Nessa narrativa, Xixi fez todos os povos indígenas e é considerado o “pai dos bakairi” por ter vivido entre eles antes de ter ido viver no sol, além de ter sido gerado de ossos de seus antigos antepassados. Já Nunâ criou os *karaíwa* (não-indígenas), considerado o pai destes.

Esse mito nos apresenta, com riqueza, o imaginário e a espiritualidade presente nos artefatos imateriais desse povo, e nos revela o lugar social e algumas regras de conduta em relação a esse lugar mítico, uma vez que, a memória do povo aponta para a origem, segundo eles, de todos os povos do mundo, pois é através de Xixi que as línguas são concedidas a todos esses povos diferentes que foram criados a partir de várias madeiras também diferentes. Nessa mitologia, tem-se o olhar de um lugar de fala legítimo para contar que Xixi juntamente com Nunâ ordenam toda a sociedade e costumes bakairi.

O trabalho de Xagope (2018), por seu turno, traz uma visão de um ponto de vista que revela o lugar social onde os seus pés pisam: um kurâ bakairi da Terra Indígena Bakairi, que mostra o registro e a manutenção desses mitos que reverberam ao longo dos séculos, guardados na memória coletiva e replicados pela tradição oral. É uma das primeiras mudanças de visão, ou a primeira visão que mostra onde os pés de Xagope pisam, diz respeito a autodenominação que, para ele, deveria ser kurâ, pois bakairi é um termo que não possui qualquer significado para seu povo. Desse modo, o valor semântico e ontológico de um povo poder se autodenominar e autoreferenciar no mundo revela quão potente e revelador é a apropriação de traços de valor de verdade presentes no inventário material e imaterial dos Bakairi chegou até nós por meio de séculos de oralidade.

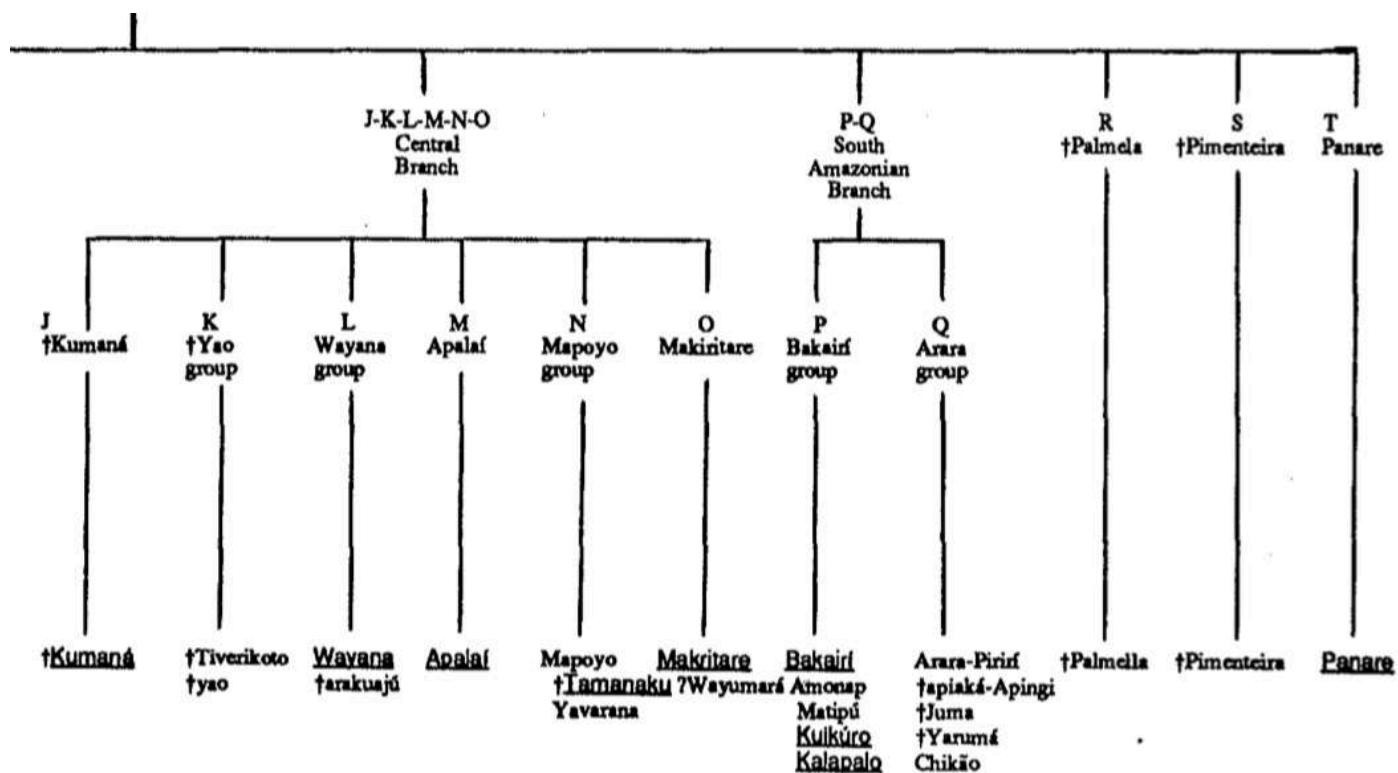
2.2 O lugar da língua Bakairi na Família Caribe

Há algumas controvérsias em relação à classificação da Família Linguística Caribe. Segundo Gildea (2003), isso acontece por conta de não existirem dados lexicais e fonológicos abundantes para que possam ser comparados. As três classificações mais recentes de Girard (1971), Durbin (1977) e Kaufman (1989), são apresentadas nos quadros extraídos de Gildea (1992).

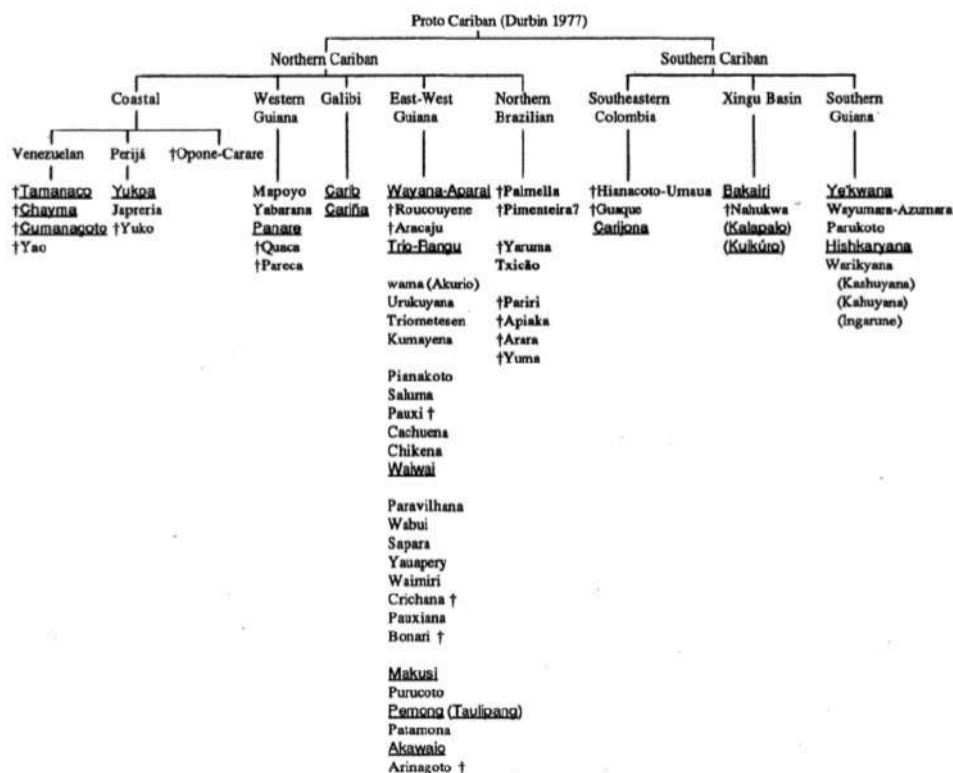
1. Cumaná	2. Makiritare	3. Pemón	4. Wayana	5. Wayway	6. Carib	7. Tiriyo
<u>Chayma</u>	Maionggang	<u>Arekuná</u>	<u>Wayana</u>	<u>Wayway</u>	<u>Carib</u>	<u>Tiriyo</u>
<u>Cumaná</u>	<u>Yekwana/Dekwana</u>	Ingarikó	Upurui	<u>Hishkaryana</u>	Galibi	Kumayena
†Palenque	Makiritare	<u>Kamarakoto</u>	Arakwayú	Kachuyana	<u>Kaliña</u>	Pauxi
†Piritu	Wayumurá	<u>Taulipang</u>	Tiverikoto	Parukoto	<u>Akawoyo?</u>	Pianakoto
†Avaricoto	† <u>Tamanaco?</u>	<u>Makuchi</u>	Yao			Saluma
† <u>Tamanaco?</u>		Mapoyo?				Tiriometesem
Mapoyo?						Urukuena
						Wama
						<u>Cariona</u>
						Guake
						Hianákoto-Umawa

8. Yawarana	9. Aparai	10. Paushiana	11. Bonari	12. Arara	13. Bakairí	14. Motilon	15. Miscellaneous
Yawarana	<u>Aparai</u>	Paushiana	Bonari	Apiaká	<u>Bakairí</u>	Motilon	Opon-Carare
Mapoyo?		Paravilhana	Crishaná	Arara	<u>Kwikurú</u>	<u>Yukpa</u>	<u>Panare</u>
		Sapará	Ipurukoto	Parirí	Nahukwa	Japerria	†Palmella
			Porokoto	Yarumá	Yamarikuma	etc.	†Pimenteira
			Purukoto				
			Yawaperi				

Quadro 1: Classificação da Família Caribe, Girard (1972)
Fonte: Gildea (1992, p. 8)



Quadro 2: Classificação da Família Caribe, Kaufman (1989)
Fonte: Gildea (1992, p. 8)



Quadro 3: Classificação da Família Caribe, Durbin (1977)
 Fonte: Gildea (1992, p. 9)

Nas três tentativas de classificar o grupo no qual a língua Bakairi está filiada geneticamente, ocorreram algumas variações quanto ao nome desse grupo.

Girard (1972), não faz distinção de ramos, mas afirma que a língua bakairi está vinculada ao grupo intitulado bakairi. Nesse grupo, também estão presentes as línguas: Bakairi, Kwikurú, Nahukwa e Yamarikuma. Por outro lado, na classificação Kaufman (1989), a língua Bakairi está vinculada a um ramo linguístico que ele denominou de Ramo Sul Amazônico, no grupo linguístico Bakairi, juntamente com as línguas: Bakairi, Amonap, Matipú, Kilkúro e Kalapalo. Ao passo que Durnin (1977) denomina o ramo a que a língua Bakairi pertence, qual seja, Caribe, e o grupo como Bacia do Xingu. Nesse grupo estão presentes, além da língua Bakakri, também as línguas Nahukwa, uma língua morta, Kalapalo e Kuikuro.

2.3 Alguns estudos sobre o povo e a língua Bakairi

A língua e o povo bakairi já foram estudados por alguns pesquisadores como antropólogos e linguistas, os quais deixaram um legado escrito sobre a cultura material e imaterial, além de um registro rico do funcionamento da sociedade Bakairi. Desses estudiosos, destacam-se: Karl von den Steinen, Capristano de Abreu e Tânia Clemente de Souza, a qual, há mais de quarenta anos, desenvolve trabalhos sobre o povo e a língua na Área Indígena Pakuenra, situada próxima ao município de Paranatinga e Planalto da Serra.

Esse grupo de Pakuenra subdivide-se em 9 aldeias que compõem essa área: Pakuenra, Aturua, Paikun, Kaiahoalo, Cabeceira do Azul, Alto Ramalho, Sawâpa, lawodo e Ximbua. A aldeia de Pakuenra é a maior delas, nela está situado o Posto Indígena, uma enfermaria e uma escola. Cada uma dessas aldeias possui um cacique que geralmente é um pajé ou o membro de prestígio de algum grupo familiar, Lamego (2006).

Segundo Souza (1994), as primeiras notícias sobre o povo Bakairi remontam o século XIX, mas as informações não passavam de simples relatos elaborados por viajantes, bandeirantes, desbravadores que não faziam descrições específicas sobre o povo e a língua com profundidade, de maneira que, não havia variedade de produção acadêmica nessa área.

Somente com os escritos de Karl von den Steinen é que o povo e a língua Bakairi passaram a chamar a atenção dos estudiosos. A partir da obra “Die Bakairi Sprache” (1892), volume de 403 páginas dedicadas à gramática.

Algumas outras tentativas de sistematizar a língua foram implementadas, sem contudo darem conta, de maneira detalhada, de todos os nuances concernentes à peculiaridade da variedade falada na A.I. Pakuenra.

Desses outras tentativas descritivistas, destacamos os trabalhos de Adam (1893) cuja descrição foi basicamente comparativista.

Capristano de Abreu (1895), que reuniu um novo conjunto de dados e no seu trabalho concorda em alguns pontos e em outros discorda de von den Steine;

Wheatley, pesquisador do Summer Institute of Linguistics (SIL), o qual conviveu com os Bakairi entre os anos de 1962 a 1970.

Souza, que desde 1983, dedica-se a estudos com bakairi de Pakuenra com vários trabalhos publicados, dentre os quais destaco a tese de doutorado (1994) e vários

outros trabalhos (1991, 1995, 2004, 2006, 2012, 2014, 2018), nos quais ela faz uma abordagem da gramática, com um enfoque eminentemente discursivo da oralidade Bakairi, mas também à luz da teoria gerativa.

Esses pesquisadores foram os que contribuíram de forma mais significativa no campo da gramática Bakairi.

Collet (2006) e Lamego (2006) defenderam suas teses no campo da Antropologia Social, sem ênfase em aspectos linguísticos.

Bonfim, (2015) o qual discorre sobre morfologia de marcas de pessoa, bem como de questões de cosmogênese do povo Bakairi.

Meira (2004, 2013) que já escreveu alguns artigos que tratam de aspectos da fonologia visando uma reconstrução de uma proto-lingua Karibe. Todos estes estudiosos, invariavelmente, trabalharam de forma mais acentuada com apenas uma variante da língua Bakairi, os Bakairi da A. I. Bakairi, que fica próxima do município de Paranatinga, MT.

Xagope (2018) cuja dissertação discorre sobre o pesquisador indígena como protagonista de sua própria história, uma vez que, o olhar alterna entre o científico e o de pertencimento da comunidade que estuda. Desse modo, até os recortes a serem estudados dão um valor diferente ao registro da sociedade Kurâ Bakairi e a discussão de como saberes milenares são registrados, guardados e ressignificados na materialidade discursiva, qual seja, a oralidade, dados que são sistematizados por meio de categorias de análise que não perdem de vista o confronto entre o mundo Bakairi e o mundo Karaiwa, pois é a partir desse movimentos dialéticos e dialógicos que os Kurâ se significam e se ressignificam material e imaterialmente.

3. O Movimento A-Barra

O movimento não argumental tem esse nome porque o local de chegada do constituinte movido é lugar de argumento, por se tratar de um lugar onde nenhum constituinte é selecionado¹¹, Kenedy (2013), uma vez que o constituinte já foi selecionado na sua posição de base antes de ir para a camada CP¹². Em termos computacionais, trata-se da materialização de uma operação sintática subjacente ao processamento do uso da língua. O movimento A-barrado é, portanto, a derivação, a qual ocorre na estrutura profunda e geram uma representação na estrutura de superfície. Nesse tipo de movimento tanto argumentos quanto adjuntos podem ser movidos, ao contrário do movimento A que só desloca DPs, Miotto (2013).

O movimento e a concatenação de constituinte representam as duas importantes operações em sintaxe: *merge* e *move*. O movimento é responsável por deslocar os elementos de sua posição prototípica, ou seja, da posição de base onde eles são gerados e interpretados semanticamente, para outra posição onde eles irão ser fonologizados.

Dentro do quadro teórico gerativo, há três tipos de movimentos que podem ocorrer nas línguas naturais, quais sejam: o movimento de núcleo, o movimento de DP e o movimento QU. O movimento de núcleo se dá em três etapas, pois a raiz verbal é gerada dentro do VP, depois ela é alçada para a posição de v' para que na posição de I possa receber seus traços de tempo, modo, número, pessoa. Por outro lado, há os

¹¹ S-seleção é a seleção com base nos traços semânticos dos argumentos que são compatíveis com os traços semânticos do predicador.

¹² Os núcleos funcionais/gramaticais apenas c-selecionam os seus complementos. Esses núcleos podem ser de três tipos: (a) Complementizador, abreviado pela letra C. Esse núcleo permite o encaixe de uma sentença em outra e marca a força ilocucionária da sentença: atos de fala, discurso, tópico, foco etc; (b) Flexão verbal (*Inflection*) pode ser abreviada pelas letras T, F ou I. Esse núcleo possui os traços de modo, tempo, aspecto, concordância. Esse é o núcleo que define a sentença; (d) Determinante, abreviado pela letra D. Em resumo a relação entre os itens lexicais e os itens funcionais que reside no tipo de seleção que eles fazem. Enquanto os núcleos lexicais s-selecionam seus complementos, os núcleos funcionais c-selecionam os seus complementos. Os núcleos encabeçados por esses itens também podem atribuir papéis temáticos para os elementos do sintagma dependendo de que posição ele ocupe na estrutura: especificadores ou complementos. As categorias elegíveis a atribuir papel temático são: nomes, verbos, adjetivos e advérbios. Por outro lado, o léxico possui itens que não são capazes de atribuir papéis, mas conseguem fazer seleção categorial: pronomes relativos como “o qual”, conjunções como “que” e “se” e artigos como “o”, “um”. Desse modo, é possível identificar, no esquema arbóreo, o que cada núcleo funcional seleciona como seu complemento: C – c-seleciona um IP; I – c-seleciona um VP; D – c-seleciona um NP, Miotto (2013).

movimentos de sintagma¹³ que se dividem em movimento argumental, A e movimento não argumental, A-barra.

O movimento de argumento, ou DP, é chamado de argumento externo. Esse argumento é gerado na posição de Spec de vP, onde recebe os traços de pessoa, número, caso para depois se deslocar para Spec de IP, por isso é chamado de movimento A, porque ele vai para uma posição de sujeito.

O movimento A ocorre com verbos que tem argumento externo, pois esse argumento se movimenta para o Spec do IP, seja ele transitivo ou inergativo. Também ocorre movimento com argumento interno de uma estrutura passiva, inacusativa ou de uma estrutura de alçamento com verbo parecer. Todos os movimentos desse tipo vão para a posição de Spec de IP para receber caso e disparar os traços de número, pessoa e concordância etc. Nos exemplos abaixo é possível observar o movimento argumental.

(01) Maria comeu o bolo.

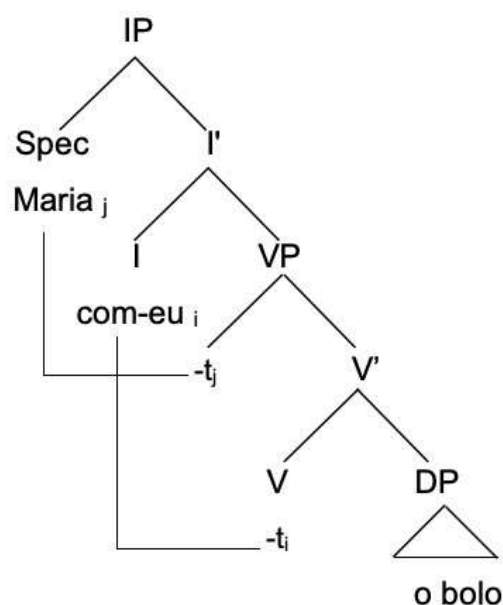


Figura 7: Movimento de argumento e de núcleo com Verbo transitivo

¹³ Há um debate sobre o estatuto do custo de processamento desses movimentos que não são considerados de mesma natureza, pois a parametrização da posição de sujeito de uma língua, uma vez fixada, pode gerar agramaticalidades caso sua posição seja alterada.

(02) Maria correu

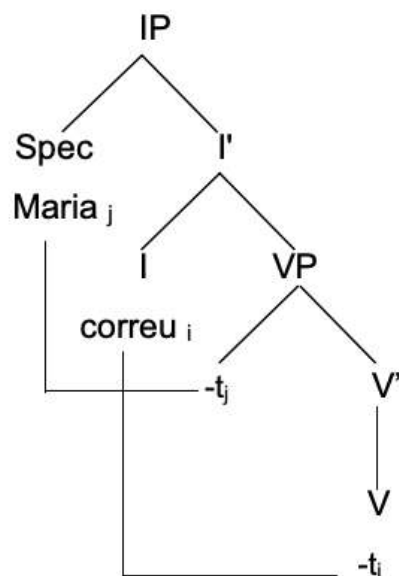


Figura 8: Movimento de argumento e de núcleo com verbo inergativo

(03) Maria nasceu

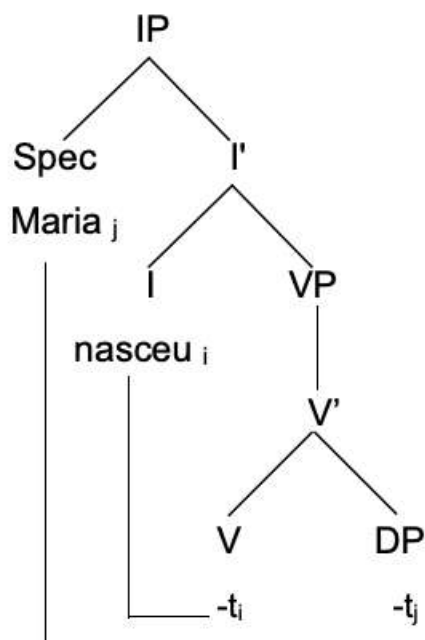


Figura 9: Movimento de argumento e de núcleo com verbo inacusativo

(04) O bolo foi comido por Maria.

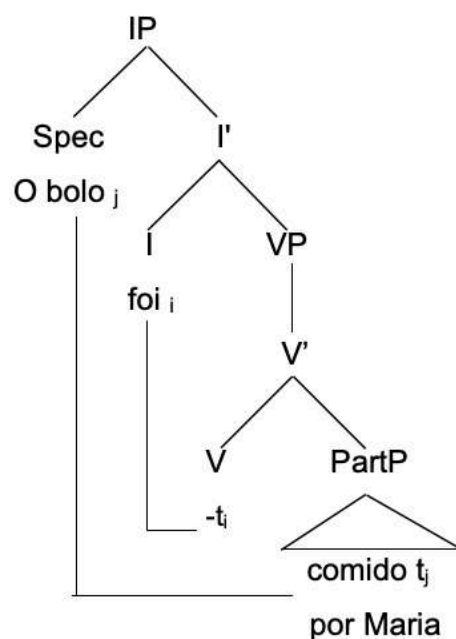


Figura 10: Movimento de núcleo e de sujeito paciente

(05) Maria pareceu correr até a porta

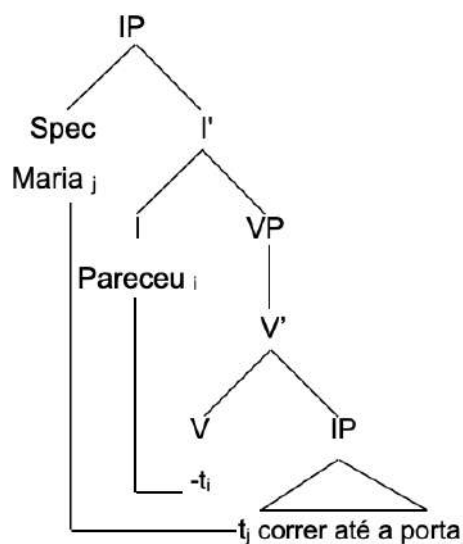


Figura 11: Movimento de núcleo e de argumento

Há ainda mais um tipo de movimento de sintagmas interrogativos que a teoria os trata como não argumentais, ou movimento A-barra. Nesse segundo tipo de

movimento, o sintagma QU vai para o que a teoria denomina de periferia esquerda da sentença, ou seja, para a posição de Spec de CP. Essa estrutura é gerada e interpretada sintática e semanticamente na base (*in situ*), recebe caso e papel semântico antes de seu deslocamento, mas é fonologizada no Spec do CP.

(06) Quem a Maria viu?

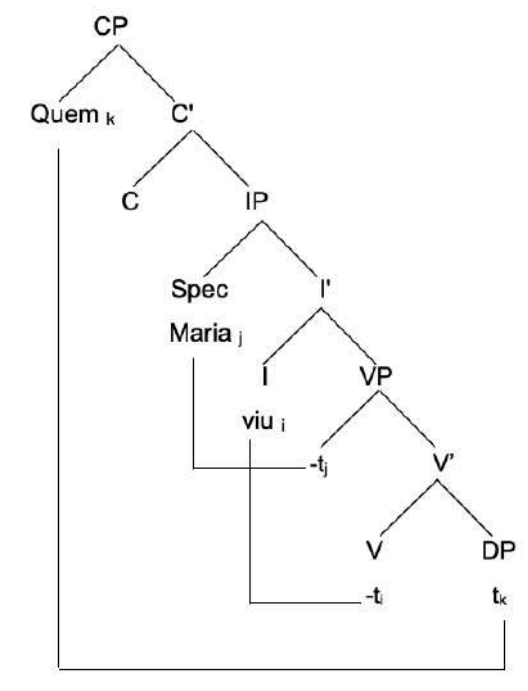


Figura 12: Movimento de argumento, de núcleo e da palavra QU

Diferente do movimento A, que só move DPs, o movimento A-barra não distingue o estatuto categorial do sintagma movido¹⁴, conforma já mencionado anteriormente. O movimento A-barra é realizado ciclicamente¹⁵, podendo passar por cima de um CP para o CP mais alto desde que seja extraído da posição de argumento de

¹⁴ Miotto et al (2013, p. 246) salienta que o movimento WH não faz restrições ao tipo categorial do sintagma em jogo: pode-se ter um PP ou um DP.

¹⁵ Para além dos movimentos em si, uma questão que deve ser levada em consideração é a distância entre os constituintes que são movidos e a sua posição final de pouso. Em sentenças encaixadas muito longas, o movimento é cíclico, ou seja, o constituinte movido vai ter locais de parada até a parada final: Quem que o Lucas disse [_{t₁} que o João pensa [_{t₁} que o Pedro acredita [_{t₁} que o filho encontrou t₁ na escola?]]]].

algum verbo, mas é proibido de ser extraído de estruturas chamadas de ilhas¹⁶. No exemplo (07) é possível observar esse movimento.

(07) O que o João comeu?

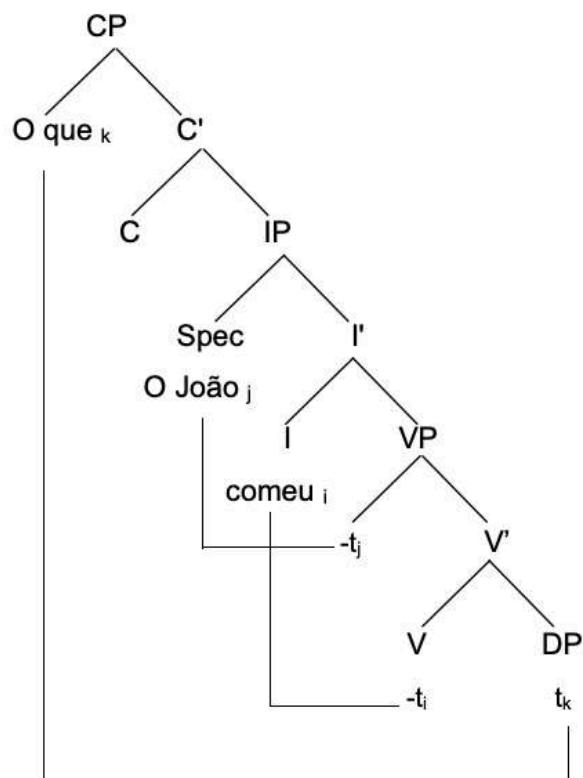


Figura 13: Movimento de argumento, de núcleo e da palavra QU

Contudo, ambos os movimentos exigem apenas que os sintagmas estejam nas projeções máximas, além de também deixarem vestígios. O movimento A deixa um vestígio com traços [+anafórico, -pronominal] e o movimento A-barra deixa vestígios com traços [-anafórico, -pronominal] e ambos c-comandam¹⁷ as suas *ec* (do inglês *empty category*), Miotto (2013).

¹⁶ Ross (1967) observou que a distância entre o sintagma QU *in situ* e o lugar de aterrissagem de sintagmas em sentenças complexas poderia depender de certas configurações, então elaborou algumas restrições para essa extração descritas em sua tese: *Constraints on Variables in Syntax*, MIT. Separadas por ilhas fortes, as quais não permitem extrair, ex.: *Quem que o Carlos indicou o mecânico que enganou __?, e ilhas fracas, Cinque (1991), as que permitem extração, ex.: Quem que a Cláudia convidou __ para a festa?

¹⁷ C-comando: um nó α c-comanda um nó β se e somente se: (i) α não domina β nem β domina α ; e (ii) o primeiro nó ramificante que domina α , domina β . (define a relação categorial), Miotto (2013).

3.1 As ilhas sintáticas

Dentro do quadro teórico gerativo, as ilhas sintáticas são importantes para o entendimento dos movimentos, sobretudo o movimento A-barra, por conta das restrições para extração de sintagmas de dentro dos vários tipos de ilhas existentes.

Ross (1967) elencou um conjunto de restrições de estruturas de ilhas, ou seja, construções que não permitem a extração de sintagmas, quais sejam: ilhas sobre sintagmas nominais (SN) complexos formados com orações relativas; completivas nominais e estruturas coordenadas; restrições sobre sujeito sentencial; restrição sobre ilha QU; restrição sobre adjuntos. Conforme mencionado na seção anterior, neste trabalho, estudamos o tipo específico de ilha QU, por ser ela que subsidia a realização do movimento A-Barra.

Para além disso, as ilhas ainda são subdivididas em duas categorias: ilhas fortes e ilhas fracas. Para esclarecer essas duas categorias de ilhas, é necessário antes diferenciar o estatuto dos constituintes que podem ser extraídos das Ilhas-QU, quais sejam: argumentos ou adjuntos.

Para Chomsky (1995), há uma distinção entre a natureza dos elementos que se pode extrair de uma ilha. Essas extrações não possuem o mesmo estatuto, uma vez que há uma menor dificuldade, em termos de processamento, para se fazer uma extração longa de um argumento para o Spec do IP, do que um adjunto da ilha QU para o Spec do CP. Além disso, a questão da localidade onde se encontra esse DP ao ser questionado para a geração das sentenças QU, e que distância essas sentenças terão de percorrer até o seu local de pouso final.

(08) Maria conheceu **o João** na feira.

(09) Quem_i que a Maria conheceu ____i na feira?

(10) Maria disse a João que contou a Pedro que encontrou **o Sérgio** na feira.

(11) Quem_i que o João disse que o Pedro acha que a Maria pensa que encontrou ____i na feira?

(12) Maria conheceu o mecânico que atendeu **o seu pai**

(13) *Quem_i que a Maria conheceu o mecânico que atendeu ____i?

Nos exemplos de (08) até o exemplo (12), é possível fazer a extração dos constituintes. Entretanto, no exemplo (13), não é possível fazer esse tipo de extração, pois a sentença se torna agramatical, uma vez que essa estrutura é o que se conhece

como ilha. Ross (1967), Chomsky (1973), Huang (1982), conforme mencionado acima, apresentaram um conjunto de restrições para extração de sintagmas de Ilhas:

a) Restrição sobre Sintagma Nominal (SN) Complexo em sentenças relativas:

(14) Você namorou um rapaz que é **um ótimo garçom**.

(15) * Quem_i você namorou um rapaz que é ____i ?

b) Completivas nominais

(16) Você ouviu rumores de que o rapaz não é **um ótimo garçom**.

(17) *O que_i você ouviu rumores de que o rapaz não é ____i ?

c) Restrições sobre Estruturas Coordenadas

(18) Valdo conseguiu uma canoa e **uma flecha**.

(19) *O que_i Valdo conseguiu uma canoa e ____i ?

d) Restrição sobre Sujeito Sentencial.

(20) Compreender o programa gerativista de Chomsky é complicado.

(21) *Que programa compreender é complicado?

e) Restrição sobre Ilha Qu (Chomsky, 1973) Interrogativa dupla.

(22) Você perguntou o que o João como

f) Restrições sobre Adjunto (Huang, 1982)

(24) Você encontrou um amigo depois de assistir **Matrix**.

(25) *Que filme_i você encontrou um amigo depois de assistir t_i?

No exemplo (26), foi feita uma extração do argumento 'com quem?', o qual é perfeitamente gramatical. No entanto, no exemplo (27), ao extrair o adjunto da oração, cai-se em uma interpretação preferencial na qual só se interpreta o 'como' juntamente com o verbo disse, o adjunto, nesse exemplo, não é interpretado sozinho lá no Spec do CP. Esse dado é importante para a elaboração da distinção entre ilhas fortes e fracas. Para Cinque (1991), as ilhas fortes são aquelas que não permitem extração nem de argumentos, nem de adjuntos, por outro lado, as ilhas fracas permitem a extração de argumento, mas não permitem a extração de adjuntos conforme os exemplos:

(26) Para quem_i você não disse como_j consertar o motor ____i ____j?

(27) *Como_j você não disse para quem_i consertar o motor ____i ____j?

Para além disso, a noção de elemento que é regido tematicamente ou regido por antecedência presente em Chomsky (1981) e Rizzi (1982, 1990) vai ter um papel importante na distinção entre argumento e adjunto respectivamente.

3.2 A estrutura do *Complementizer Phrase* (CP)

Das três camadas apresentadas na figura 14, as quais são desenvolvidas no modelo de *Government and Binding* (Regência e Vinculação), Chomsky (1982), a camada mais alta, também denominada *Complementizer Phrase* (CP) é considerada como a força da sentença. Carrega informações de natureza gramatical, além de abrigar os sintagmas que estabelecem alguma relação com o discurso, tais como as palavras QU, tópico e foco. Dito de outra maneira, o CP C-seleciona como seu complemento um IP, traços relacionados à morfologia flexional, e como especificador (Spec), os traços relacionados ao discurso. Desse modo, segundo Pollock (1989), cada um desses elementos projetaria um sintagma, por isso a necessidade de se expandir o CP.

Segundo Miotto (2003), esse núcleo CP está presente em todas as sentenças, mesmo que nenhuma categoria seja preenchida (fonologizada), tornando-se um núcleo vazio, pronto pra ser preenchido.

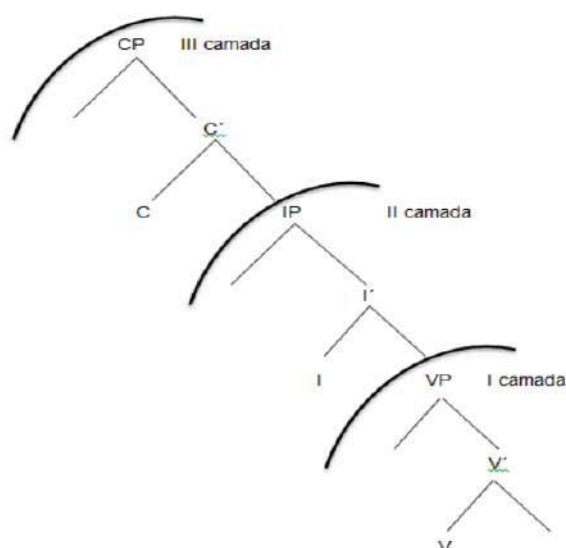


Figura 14: Esquema das camadas dos núcleos
Fonte: elaboração própria

Ao longo dos anos, a camada CP sofreu algumas alterações, tais como as expansões propostas por Rizzi (1997) e Cinque e Rizzi (1994, 1995, 1999 e 1997) com o intuito de abrigar, no Spec dessa projeção, os constituintes do italiano que apareciam na periferia esquerda das sentenças, tais como palavra QU, constituintes relativos, topicalizados e focalizados, a chamada Cartografia das Estruturas Sintáticas que visa mapear a produção das estruturas sintáticas nas línguas. Neste trabalho, entretanto, iremos atentar para o que Chomsky (1995) chama de *Specification of Force*. Essa categoria, como já mencionado anteriormente, é obrigatória. Em línguas como o português, essa marcação é feita por modulação de F0 que aumenta a entonação no final das sentenças interrogativas que não exigem como resposta apenas um sim ou não, e as que não se manifestam por meio de QU:

(28) [CPQuem [IP o João viu na rua?]]

(29) [CP[IP O João viu quem na rua?]]

(30) [CP [IPO João ama a Maria]]

(31)[CP [IP O João ama a Maria?]]

Esses dados exemplificam a hipótese de tipificação da oração proposta por Cheng (1993) e reforçam o estatuto do CP como lugar onde reside a força ilocucionária da sentença. Na ausência do QU, a língua teria de encontrar outros recursos que expressassem o valor interrogativo das sentenças.

Nos exemplos (28) e (29), as orações interrogativas apresentam a palavra QU movida para a periferia esquerda e em sua posição *in situ* respectivamente. Ao passo que no exemplo (31) a interrogativa é realizada por meio de curva entoacional.

Mioto (2009) elenca, em português, além das interrogativas que exigem uma resposta do tipo SIM/NÃO, outros dois tipos de palavra QU e os traços que elas carregam:

- a) Palavra interrogativa QU não referencial: aquelas em que se pede o valor do QU e já orientam a resposta, pois os traços como de pessoa, coisa, tempo, lugar, modo etc, vêm embutidos no QU e indicam que a resposta deverá ter um constituinte com esses respectivos traços. Esse tipo de QU não pode ser seguida de um NP.
- b) Palavra interrogativa QU referencial: esse tipo de palavra QU vem seguida de um NP que delimita a resposta por meio da semântica da palavra que ocupa essa posição.

Segundo Rizzi (1997, 1999 e 2004), a camada CP é formada por uma série de outros núcleos funcionais que dão conta da discursividade da oração. Essa nova perspectiva de tratamento do CP deu início ao que se convencionou chamar de Cartografia Sintática, pois trata-se de uma análise em um nível menor dessa camada, com vistas a identificar o mapa das estruturas sintáticas das sentenças. Diante disso, os núcleos que constituem a camada CP são: força, tópico, foco e finitude conforme a representação arbórea abaixo:

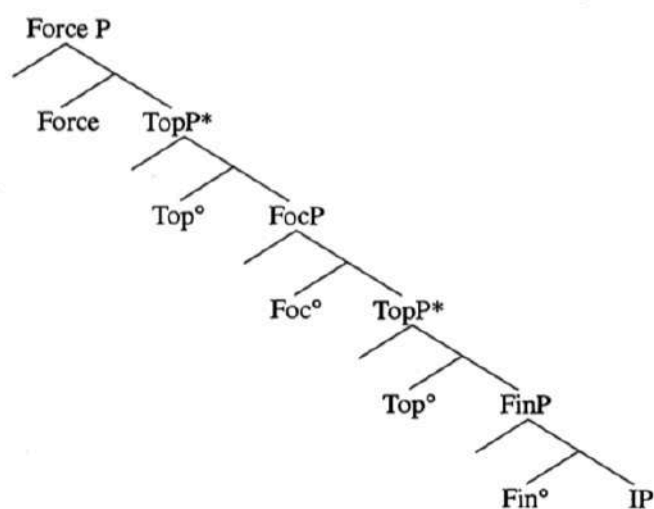


Figura 15: Representação dos núcleos formadores do CP
Fonte: Rizzi, p.292, 2004

Rizzi (1997) atribui à camada CP o *status* de lugar onde se estabelece a relação entre o conteúdo gerado pela camada IP, quais sejam: as relações de concordância e caso, e a estrutura superior encaixada ou o estabelecimento do conteúdo discursivo: verbos auxiliares, conjunções, tópico, foco e palavras interrogativas, funcionando como uma interface de informações internas e externas à sentença. Para além disso, periferia esquerda é lugar de foco contrastivo e não de informação nova.

Rizzi (*ibidem*) organiza os núcleos que surgem com a implosão do CP em dois grupos de informações que ele deve expressar: especificação de força e finitude. Na primeira, ocorre a especificação para fora da sentença, expressam o status da proposição, se é uma declaração, uma injunção, uma interrogação etc. Por outro lado, a finitude expressa informações para dentro da sentença, ou seja, o CP deve conter informações sobre flexão verbal: finitude e infinitude estabelecendo assim o díptico force-Fin da periferia esquerda (ForceP e FinP). Por isso, o minimalismo e a cartografia

representam uma espécie de divisão do trabalho, pois a primeira gera as estruturas e a segunda trata dos detalhes das estruturas geradas.

A força ilocucionária das orações em português, por exemplo, são manifestadas pela categoria ForceP. É ela que vai indicar se uma oração é exclamativa, injuntiva, declarativa, interrogativa, relativa etc, ou seja, conecta-se com o que está fora da sentença, no âmbito discursivo. Por outro lado, a categoria FinP estabelece a relação entre o complementizador e a finitude ou infinitude do verbo da oração.

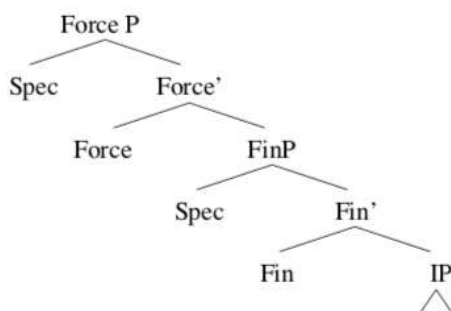


Figura 16: Representação da força ilocucionária
Fonte: Rizzi, p.292, 2004

O segundo grupo de núcleos funcionais que Rizzi (1997) sistematiza é o sistema Tópico-Foco. O primeiro aloca os elementos topicalizados, além de representar as informações dadas e o segundo abriga elementos de sentenças clivadas e palavras interrogativas movidas da sua posição prototípica e abriga informação nova. Mas essa categoria não se aplica ao português.

3.3 Aspectos gramaticais da língua Bakairi

Os estudos de Souza com o Bakairi já duram pelo menos 40 anos. Suas pesquisas de campo se iniciaram em 1983 e perduram até hoje. Os dados deste trabalho foram todos retirados de Souza (1991, 1994, 1995, 2004, 2006, 2012, 2014, 2018). Desse modo, as análises e descrições gramaticais aqui apresentadas sobre a língua Bakairi são reproduzidas dos trabalhos supracitados.

Embora a harmonia consonantal descrita por Souza (1994) não seja nosso objeto de estudo neste trabalho, é importante mencioná-la por se tratar de um dos muitos aspectos peculiares que a língua Bakairi possui, a flutuação entre os traços surdo e sonoro em alguns grupos de consoantes que ora se comportam como surdas, ora como

sonoras em contextos similares causou uma certa dificuldade para Von Den Steinen e Capristano de Abreu na descrição dos sons da língua. Entretanto, Souza (1994) identifica essa característica no sistema sonoro da língua e, por esse fenômeno ser muito produtivo em bakairi, a referida pesquisadora optou por não sistematizar um inventário fonético em seus trabalhos da maneira usual, uma vez que o fenômeno da harmonia recobre todo o sistema da língua.

3.3.1 Os marcadores de pessoa em Bakairi

As marcas de pessoa em Bakairi foram descritas por Souza (1994) e neste trabalho iremos apresentar são morfemas adjungidos à raiz para expressar os argumentos externos e internos nessa língua. Esses prefixos foram divididos em três grupos por Souza (2006), os quais sofrem algumas variações alomórficas e alofônicas em função dos paradigmas de transitividade: se são verbos transitivos ou intransitivos; de flexão: se o verbo está flexionado nos tempos passado, futuro, progressivo; e de regras fonológicas: se a raiz verbal inicia por uma consoante no onset, ou se a sílaba da raiz verbal inicia na rima, por uma vogal.

O quadro de marcas de pessoa nos verbos intransitivos em bakairi, além de indicar o sujeito da sentença, conforme mencionado acima, são conhecidos na literatura como morfemas cumulativos, pois desempenham funções semânticas atreladas à forma morfológica, como argumentos do verbo. Segundo Souza (*idem*, 2006, 2014) esses morfemas antecedem a maioria dos verbos monoargumentais de natureza variada: movimento, mudança de estado, ergativo etc. Estes marcadores são dos verbos intransitivos e não assinalam posse, nem aspecto. Os marcadores transitivos é que recobrem posse.

	[-V]	[-C]
1 ^a	y-	u-
2 ^a	m-	∅
3 ^a	n-	ni-
1 ^a exc.	n-	ni-
1 ^a inc.	kiz-	kize-

Quadro 4: marcas de pessoa para verbos intransitivo.

Fonte: extraído de Souza (1994, p. 108)

Os morfemas descritos na segunda coluna ocorrem antes de vogal [-V] e os da segunda coluna ocorrem antes de consoantes [-C], atendendo à variação alofônica já mencionada.

Por outro lado, os verbos transitivos, segundo Souza (*idem*) por questões funcionais, são separados em dois quadros, uma vez que há uma diferença na estrutura e nos argumentos licenciados entre verbos transitivos e verbos transitivizados. No quadro 2, pode-se observar que apenas o objeto é marcado, as exceções são apenas a 2ª pessoa e a 1ª inclusiva, as quais podem ser cindidas. Além disso, o morfema transitivizador [-(n)ã-] que vai acionar a marca de pessoa prevista para concordar com o objeto. Com base nessas informações, não se pode falar em termos hierárquicos dos referentes conforme esquema de Bickel (2008) que hierarquiza os referentes em nível de importância e marcação 1p > 2p > 3p > cisão 3p > 3NP > 3humano > animado > inanimado. No caso do Bakairi, entretanto, é o paciente que é sempre marcado.

	Sujeito	Objeto
1ª/2ª		∅
1ª/3ª		s-
2ª/1ª		y-
2ª/3ª	ma- / m-	s-
3ª/1ª		y-
3ª/2ª		∅
3ª/3ª		n-
1ª exc./3ª		n-
1ª inc./3ª	kiz-	s-

Quadro 5: marcas de pessoa para verbos transitivos.

Fonte: extraído de Souza (2006)

Já no quadro 6, são elancadas as marcas de pessoa para verbos transitivizados acionadas pelo morfema [-(n)ã-].

	Sujeito / objeto	Sujeito / objeto
	[-C][-e][-i]	[-V]
1 ^a / 3 ^a	kã-	∅ ~
2 ^a / 3 ^a	mã-	m- ~
3 ^a / 3 ^a	i-~	y- ~

Quadro 6: marcas de pessoa para verbos transitivos.

Fonte: extraído de Souza (2006)

3.3.2 A morfologia verbal

Os verbos em Bakairi apresentam uma divisão paradigmática por meio de estruturas que indicam uma divisão de intransitivos em inergativo e inacusativo. Souza (1994) ao fazer a descrição da língua Bakairi, classifica assim esses verbos monoargumentais por considerar pertinente a hipótese de Chomsky (1995), o qual afirma que os verbos intransitivos são os primitivos e os verbos transitivos são os derivados.

Os estudos gramaticais do Bakairi feitos por Von Den Steinen e depois, por Capristano de Abreu, foram seminais para o entendimento da complexidade da morfologia verbal dessa língua. Embora os referidos estudiosos discordassem em alguns pontos sobre essa morfologia: Von Den Steinen diz que a diferença entre esses dois paradigmas é semântica, ao passo que Capristano de Abreu afirma que há dois paradigmas: um transitivo e outro é intransitivo. Mas a sistematização de todas essas marcas que adjungem às raízes verbais em Bakairi é muito mais complexa, como demonstram os trabalhos de Souza (2012a; 2012 b; 2014).

Souza (*idem*) então compreende que todos os verbos com paradigma em -**aki** são inacusativos e todos os em -**tai** são inergativos dentro do parâmetro untransitivo. No entanto, ela percebe que os verbos transitivos apresentam as partículas -**aki** e -**tai**, o que pode ser explicado pela presença da partícula transitivizadora [-**(n)ã-**]. Dessa maneira, tem-se na língua o grupo de verbos transitivos causativizados, sustentando a hipótese citada acima de que todos os verbos transitivos são derivados ou com marca fonologizada ou com uma marca que não aparece, o que em Chomsky (1995) se chama de relação coberta e encoberta respectivamente:

¹⁸Inacusativos: paradigma –aki

1. yamundo nekoze**agui** ‘O menino desmaiou’
2. xíxi nãepanigue**agui** kawâgâ ‘O sol apareceu no céu’
3. oroji nakoze**agui** inepa ‘O caju amadureceu rápido’
4. yamundo nirrugue**agui** ‘O menino caiu’
5. paru nabe**aki** ‘O rio secou’
6. yamundo negase**agui** kopailâgâ ‘O menino nasceu ontem’
7. Maria nigue**aki** ‘Maria morreu’
8. Patricia nōjake**agui**. ‘Patrícia vomitou.’

Inergativos: paradigma –tai

9. Tania nekada**ai** peto iwaguepa ‘Tania sentou perto do fogo’
10. Tania neguetuda**ai** peto iwaguepa ‘Tania deitou perto do fogo’
11. yamundo negoxiguda**ai** ‘O menino espirrou’ n-enaxigu-dai

Paradigma Verbal em Bakairi			
Verbo Inacusativo		Verbo Inergativo	
Forma	Função	Forma	Função
(-aki~-agi)	Paradigma que marca os verbos inacusativos	(-tai~dai)	Paradigma que marca os verbos inergativos
ibe	partícula de passado	tibe	partícula de passado
ile	aspecto contínuo	dile	aspecto contínuo
pa ~ba	partícula de negação	pârâ ~tâdâ	partícula de negação
[-(n)ã-] / Ø	partícula transitivizadora		
ke (traço +) ~ gue (traço -)	verbalizador (verbo leve)		
-erã	operador de foco	-erã	operador de foco
-ad-	inversor de diátese, operador de co- referencialidade, reflexivizador, apasivador	-ad-	inversor de diátese, operador de co- referencialidade, reflexivizador e apasivado

Quadro 7: morfemas que se juntam a raízes de verbos monoargumentais em bakairi com base nos trabalhos de Souza

¹⁸ Dados extraídos de Souza (prelo)

3.3.3 A manifestação de ergatividade na língua Bakairi

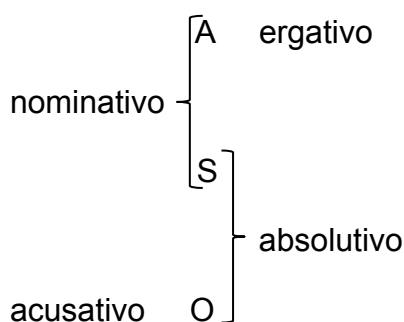
Para compreender se a língua bakairi é ergativa, é necessário fazer um movimento teórico que vai além da análise prototípica proposta por Dixon (1979, 1994) a qual, em termos resumidos, considera que para ser ergativa, uma língua precisar apresentar as marcas morfológicas nos argumentos, conforme esquema abaixo:

Terminologia:

A: é o sujeito de uma sentença transitiva;

S: é o sujeito de uma sentença intransitiva;

O: é o objeto de uma sentença transitiva



Na língua nominativo-acusativa, o sujeito de uma sentença transitiva **A**, se alinha ao sujeito de uma sentença intransitiva **S** e ambos estão desalinhados com o objeto da sentença transitiva **O**, isto é (**A=S≠O**). Ao passo que uma língua ergativo-absolutiva, o sujeito de uma sentença intransitiva **S** se alinha ao objeto de uma sentença transitiva **O** e ambos estão desalinhados com o sujeito da sentença transitiva **A**, ou seja, (**S=O≠A**), conforme exemplos:

Latim:

(32) Regin - **a** puell - **am** audi - t

Raina NOM menina ACC ouvir 3^asPRES.

A rainha ouve a menina

(33) Regin - **a** ueni - t

Rainha NOM vir 3^asPRES.

A rainha vem

Observa-se que os nomes em Latim estão marcados da seguinte maneira:

A = S ≠ O

NOM: -a ACC: -am

Dyirbal (língua falada nordeste da Austrália)

(34) n_guma yabu-**n_ggu** bura-n
 pai(ABS) mãe-ERG viu-NONFUT
 ‘A mãe viu o pai’.

(35) yabu n_guma-**n_ggu** bura-n
 mãe(ABS) pai-ERG viu-NONFUT
 ‘A mãe viu o pai’

(36) yabu banaga-n^y u
 mãe(ABS) retornou-NONFUT
 ‘A mãe retornou’

A marcação dos nomes em Dyirbal são da seguinte forma:

S = O ≠ A

ABS: ∅ ERG: -**n_ggu**

Os exemplos (32), (33), (34), (35) e (36) servem para diferenciar uma língua nominativo-acusativa de uma língua ergativo-absolutiva por meio de marcas morfológicas nos nominais. Em latim, observa-se que todos os nomes, pronomes e o que mais tiver valor nominal necessariamente precisa ser marcado com caso. Por outro lado, em Dyirbal, a regra padrão, ou seja, default, seria a marcação no nome, e o caso ergativo que é marcado, confirmando, assim, as ilações de Dixon (1994) de que uma língua ergativa deveria possuir marcas morfológicas nos nomes que identificassem os casos absolutivos dos ergativos de maneira que se pudesse visualizar o desalinhamento entre eles.

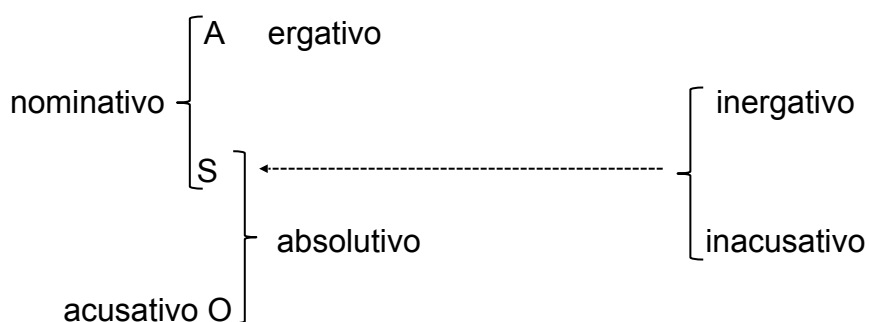
Conforme análise de Souza (1994), a língua bakairi não possui um padrão sintático absoluto ergativo nos termos de (Dixon, 1994), o qual descreveu línguas como o Dyirbal, língua que apresenta um padrão bem regular em seus alinhamentos, o que possibilitou denominá-las línguas ‘ergativas’. Talvez seja o que motivou Meira, em

trabalho intitulado *A marcação de pessoa nos verbos em Bakairi (Karib)*¹⁹, afirmar não haver padrões ergativos na língua, por não ter encontrado marcas nos nomes.

Essa abordagem do alinhamento sintático, não se sustenta em bakairi, porque a ergatividade não é marcada formalmente nos nomes Souza (2006, 2014), mas isso não significa que a morfologia e a sintaxe verbal não sirvam para se ter pistas que corroborem com a existência da ergatividade.

Para elucidar a ergatividade que ocorre em bakairi, é importante acrescentar a diferenciação entre os verbos monoargumentais em inergativo e inacusativos. Em português, a diferença entre esse subgrupo de verbos intransitivos é feita na estrutura profunda por meio de argumentos externo e interno.

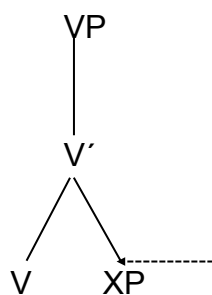
O argumento interno ao VP é selecionado pelo verbo inacusativo e o argumento externo ao VP é selecionado pelo verbo inergativo. Este possui um papel semântico mais agentivo e aquele, um papel semântico de tema/paciente:



Esse dado é importante para se visualizar a configuração dos argumentos desses verbos e observar o que cada partícula descrita no quadro 4 desempenha morfossintaticamente na referida distinção.

Os argumentos das duas classes de verbos: inergativo e inacusativo respectivamente, no bakairi, cujos verbos só se sustentam em termos morfológicos e sintáticos, Souza (2006), são argumentos internos ao VP, ou seja, marcados pelo caso absolutivo:

¹⁹ (...) 1 - os paralelismos entre as séries de prefixos são muito imperfeitos para uma análise S-cindida (considerada, às vezes, como uma forma de ergatividade); 2 - não há nenhum morfema marcador de ergativo, nem mesmo com as nominalizações (...) A conclusão (bastante preliminar, diga-se de passagem) é que não parece haver padrões ergativos em Bakairi, seja do tipo “S-cindido”, seja do tipo clássico, com marcadores ergativos em NPs agentes. Note-se que tanto sistemas “S-cindidos” quanto marcadores ergativos podem ser encontrados em outras línguas da família.



tanto **S** quanto **O** são marcados com o caso absolutivo. Souza (1994).

Além disso, a variedade da língua bakairi falada na Área Indígena de Pakuenra divide seus verbos inergativos em paradigmas com partículas **-tai** e **-dai**, esses verbos são derivados dos verbos inacusativos via transitivizador **-n(ã)** ou \emptyset , passando a transitivos.

As duas classes de verbos monoargumentais em Bakairi, segundo Souza (prelo) ocupam a posição de sujeito da sentença, apesar de ambos serem gerados na base como argumento interno ao VP, ou seja, o sujeito de um inergativo é gerado na mesma posição do argumento de verbos transitivos, posição pré-verbal²⁰, e que portanto recebem o caso absolutivo.

²⁰ A posição pré-verbal é, em Bakairi, uma estrutura canônica de atribuição do caso absolutivo. Mas haveria diferença em termos de papéis temáticos entre esses dois argumentos internos numa língua ergativa? As estratégias para diferenciar esses dois verbos visam demonstrar a agentividade do sujeito inergativo face à característica de tema/paciente do sujeito inacusativo. No caso de uma língua ergativa, essas estratégias estariam para a diferenciação temática entre os dois argumentos internos, ambos marcados com o caso absolutivo, e não preveriam diferença na seleção dos argumentos sintáticos. Souza (prelo)

4. Movimento QU e a Teoria X-barra

Dentro do programa minimalista, as operações sintáticas mais importantes são *Merge* (juntar) e *Move* (mover). Esse movimento, ao contrário da versão anterior da teoria, são feitos para checar traços fonológicos, sintáticos e semânticos. Os traços fortes, segundo Chomsky (1995), são os traços que exigem que os constituintes lexicais movam-se para checagem. Por outro lado, os traços fracos não exigem movimento de constituintes. Neste capítulo, temos como objetivos: (i) descrever os tipos de movimento em bakairi, segundo Souza (1988, 1994, 1995, 1998, 1999, 2006, 2004, 2006, 2008, 2012, 2014, 2020), a extensão do movimento-QU, explorando construções de foco, movimento com palavras-QU e orações relativas. Os dados aqui utilizados são dados de segunda mão, todos coletados por Souza em seus mais de quarenta anos de pesquisa que remontam o ano de 1983, quando começou a trabalhar com o povo Bakakri, até o ano de 2021 em sua mais recente viagem de campo. Além desses dados, há dados inéditos que foram coletados com o consultor Valdo Kutaiva Xagope por via remota (e-mails e em aplicativo de mensagens). É importante ressaltar que toda a descrição e análise da língua são de autoria de Souza, cujo legado teórico-científico é o único que consegue fornecer material confiável para proceder com a retomada da análise sobre movimento de argumentos A e A-barra no âmbito da teoria X-barra.

Cada exemplo será representado em quatro linhas, nas quais serão dispostos cada item da sentença com sua respectiva glosa. Na primeira, transcrevemos a sentença em Bakairi, de forma completa e sem segmentação. Na segunda linha faremos a representação das glosas. Na terceira linha, faremos a tradução, conforme tabela abaixo:

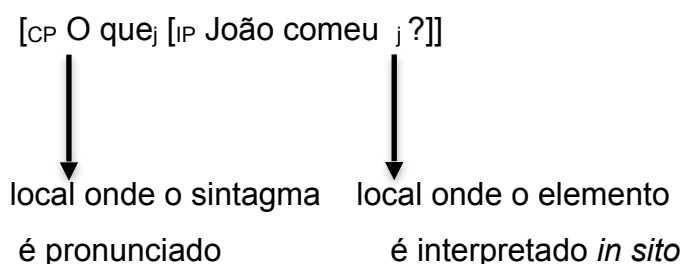
(numeração) Transcrição ortográfica/fonética (sentença com segmentação)
Glosa e morfema
“Tradução/contexto”

4.1 Tipos de Movimento

O movimento de sintagma QU já havia sido tratado por Chomsky (1977) no artigo *WH-Diagnostics*. No modelo da gramática gerativa, o elemento QU é gerado e

interpretado em uma posição na DS e depois é movido para uma posição não argumental, na camada complementizadora, onde ele é pronunciado na SS. Em sentenças simples do português, é possível observar isso:

(37) O que João comeu?



(38) [_{CP} Quem_j [_{IP} Pedro matou _j ?]]



(39) [_{CP} Onde_j [_{IP} Pedro [encontrou Maria _j ?]]]



(40) [_{CP} O bolo_j [_{IP} Meu filho [sempre me pede pra fazer _j ?]]]



Nos exemplos acima, há uma regra geral abstrata que determina que todo elemento que possui o traço [+WH] é movido para a camada CP. Mas além deles, outros tipos de construções com tópico, foco também são movidos para esse núcleo.

Chomsky (1977) considera que não apenas os sintagmas QU são eletivos a se movimentarem para a camada complementizadora, Spec do CP²¹, mas todo

²¹ Mais recentemente, com a expansão do CP na cartografia sintática, Rizzi (1997, 2004) incluiu outras categorias no CP, além de QU, foco, tópico, mas também força, função, finitude da sentença, aspectos discursivos. Neste trabalho entretanto, não abordaremos esse arcabouço teórico para analisar o CP em Bakairi.

constituente dotado do traço [+WH] deve ser deslocado para essa camada tais como tópico, foco, além das interrogativas QU. Em todos os exemplos acima, o elemento é movido de sua posição *in situ* para periferia esquerda, mas ele deixa o vestígio, o qual possui todas as informações adquiridas na posição canônica. A categoria vazia, por sua vez, dotada dessas informações, estará co-indexada ao elemento movido, o qual vai C-comandar a categoria vazia.

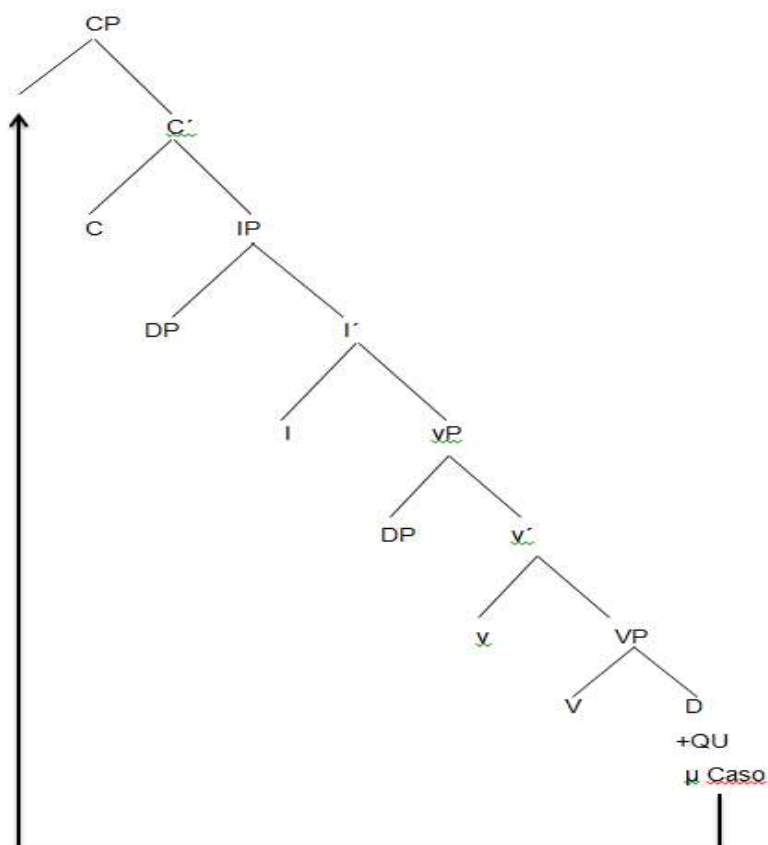


Figura 17: representação do movimento A-barra
Fonte: elaboração própria

Na figura acima é possível observar que tanto caso quanto o papel temático são atribuídos na base, conforme já descrito na Teoria do Caso e na Teoria Temática. Portanto o local onde o sintagma QU é gerado e interpretado é na estrutura DS e o local onde ele é realizado fonologicamente é na SS, na posição prototípica, esse elemento deixa apenas o vestígio. A posição A-barra no Spec do CP, portanto é uma posição não argumental e que não descarrega papel temático.

Em bakairi, sentenças com princípios similares às descritas acima possuem valores paramétricos diferentes uma vez que a língua bakairi, como já descrito em seção anterior, é uma língua ergativa, não *pro-drop*, Souza (1994), que em algumas situações a inversão da ordem de sujeito ou objeto, desestrutura a ordem canônica OV de atribuição de caso e com isso gera interpretações diferentes para sentença. Desse modo,

o funcionamento estrutural de um movimento de extração também vai obedecer a critérios estruturais da língua.

Os movimentos em bakairi, segundo Souza (1994), são de dois tipos: o movimento de QU para foco e a adjunção para tópico. O movimento do constituinte QU traz marcas de agente (-ne) e paciente (-(-t)ibe), o que segundo a autora, servem para recuperar o papel temático do constituinte movido, o qual carrega os traços da posição de base. O movimento QU serve ainda para descrever orações relativas, a clivagem e construções de controle. Por outro lado, no movimento de adjunção atesta-se o uso de pronome cópia e seu funcionamento está no âmbito discursivo, mas ambos os movimentos se complementam, cujo denominador comum é a ergatividade. Todas as categorias vazias que resultam de movimento são [-pronominais] e devem ocorrer em posições propriamente regidas, m-comando, a seu complemento. Mito (2014). Desse modo, o movimento A [+anafórico, - pronominal] e o movimento A-barrado [-anafórico, - pronominal]

Para dar conta desse componente, a teoria temática ou teoria theta, como também é conhecida, é um dos módulos da GB já citadas anteriormente, que trata da atribuição de papéis semânticos a cada elemento selecionado pelos núcleo funcional, como verbos e preposições, por serem os núcleos que possuem regência dentro das estruturas sintagmáticas, e que, por conseguinte precisam reconhecimento semântico do mundo participantes do eventos selecionados por eles.

Há, contudo, uma série de restrições que cada núcleo lexical vai impor aos seus entes selecionados, os quais Mito (*ídem*) resumiu por meio das perguntas:

- (a) quais os elementos capazes de atribuir papel T;
- (b) quais os elementos que são capazes de receber papel T;
- (c) qual o nível sintático onde se dá a atribuição e o recebimento do papéis T;
- (d) quais as posições em que se dá a atribuição e o recebimento de papéis T;
- (e) que princípios regulam a atribuição de papéis T.

Os elementos capazes de atribuir papel T são os itens lexicais com capacidade de selecionar argumentos e para cada argumento presente na grade argumental, deve haver um papel semântico correspondente na grade temática também, atendendo ao Princípio da Projeção Estendida (EPP) que diz que para cada argumento deve haver um papel temático.

No verbo do exemplo (41), chutar possui duas valências para serem preenchidas, as quais precisam estar de acordo com a seleção semântica que irão fazer sentido na ação: o praticante da ação e o receptor da ação.

(41) O menino chutou a bola.

	praticante da ação	receptor da ação
grade argumental	argumento externo	argumento interno
grade temática	agente	tema/paciente

O papel temático que é descarregado no argumento externo, é o que ocupa o especificador do VP, de maneira indireta, pois não é gerado apenas pelo núcleo, mas pela combinação do núcleo e complemento, e de maneira direta ao argumento interno, ambos são gerados dentro do VP conforme ilustrado na figura 14.

Como apenas núcleos lexicais podem atribuir papel temático, sob essa formulação, os N deverbais por possuírem uma relação com os verbos dos quais se originam, também podem atribuir papel temático, embora não necessitem de dois argumentos como o núcleo V: destruição < destruir, lançamento < lançar, conquista < conquistar etc.

As preposições também podem atribuir papel temático a seus complementos como: para, em, pelo, com etc. Já outras como a não atribuem papel temático, ou seja, há preposições com características lexicais e outras com características funcionais.

Desse modo, os elementos que atribuem papel temático são os núcleos lexicais e os elementos capazes de receber papel temático são os argumentos selecionados por esses núcleos. Ao passo que o nível sintático onde essa atribuição ocorre é distribuída na estrutura profunda (DS) e nas posições em que os argumentos são gerados.

Há uma variedade de classificação desses papéis temáticos, pois eles refletem a variedade das relações semânticas entre os conceitos, mas nem sempre há concordância entre os autores como salienta Heageman (1994) que assim elenca os mais recorrentes:

Agente	Entidade que provoca intencionalmente ação/evento
Tema	Entidade objeto de um evento
Experienciador	Entidade que experiencia um evento
Paciente	Entidade que sofre a ação
Benefactivo	Entidade que se beneficia com um evento
Malefactivo	Entidade que não é beneficiado na ação
Locativo	Entidade onde se situa o evento
Alvo	Entidade em que é direcionada a ação
Origem	Entidade de onde se origina a ação
Instrumento	Entidade com a qual se realiza uma ação
Causa	Entidade que provoca um evento
Possuidor	Entidade que possui algo

Quadro 8: lista de papéis temáticos

Essas observações permitem postular quais são as posições que podem receber um papel T e as que não podem, ou seja, as que não são selecionadas por um núcleo lexical.

Há ainda uma distinção entre posições argumentais e não argumentais: A e A-barra respectivamente, as quais serão retomadas posteriormente com mais detalhes por se tratar de um ponto cerne deste trabalho. A posição A é ocupada por argumentos do verbo, ao passo que a posição A-barra é ocupada por elementos não argumentais. Essa distinção será fundamental para o entendimento dos movimentos de extração em bakairi dentro do quadro teórico abordado e que Miotto (*idem*) assim resumiu:

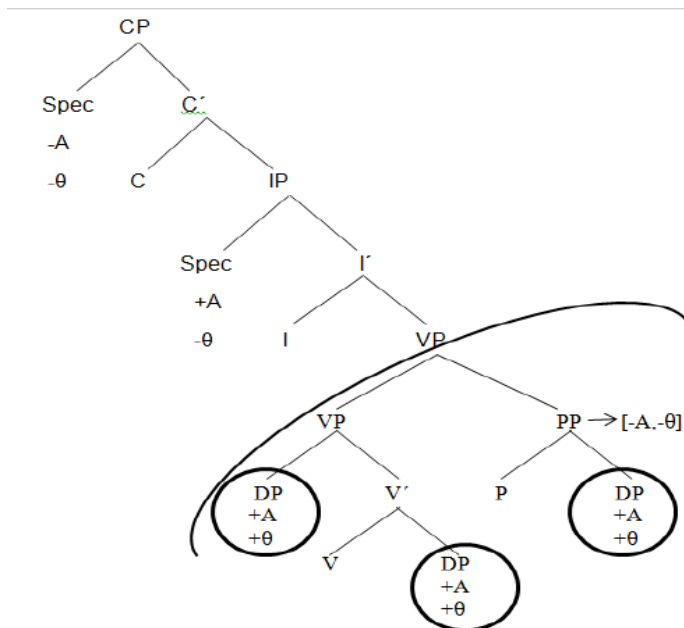


Figura 18: concha onde são atribuídos caso e papel temático

O exemplo mostra que toda posição que é +T também vai ser +A, entretanto nem todo +A será +T como se observa o spec de IP. Nota-se também que o papel T é todo descarregado abaixo do VP. Além disso, o exemplo também mostra que toda posição A-barra é -T confirmando o critério T mencionado anteriormente.

A atribuição do papel T depende de dois princípios que evitam a violação e, por conseguinte, a agramaticalidade: o critério T, já mencionado e o Princípio da Projeção.

O Princípio da Projeção garante que todas as propriedades de cada núcleo lexical devem ser preservadas em todos os níveis da derivação, ou seja, na estrutura profunda, na estrutura de superfície e na forma lógica, não podendo aumentar nem diminuir nenhum deles. Mesmo que esses elementos sejam deslocados de sua posição *in situ* o que a teoria resolve postulando a existência de um vestígio *trace* (*t*) na SS e LF. Da mesma forma que se a grade exigir um elemento, mas ele não se manifesta fonologizado, a posição em DS é ocupada por uma categoria vazia (*ec*). Enquanto a *ec* é omitida na sentença, o vestígio *t* mantém uma relação com a categoria deslocada formando uma cadeia. Há ainda o Princípio da Projeção Estendida (EPP) que garante que toda sentença tenha um sujeito, dependendo das propriedades paramétricas da língua, mesmo um expletivo atenderia esse princípio.

Por seu turno, a teoria do caso é uma categoria gramatical que serve para descarregar os papéis semânticos nos DPs exigidos pelo verbo. Há autores que desvinculam os dois processos. Eles se manifestam de duas maneiras nas línguas: de

maneira fonologizada através de morfemas, é o caso do latim; ou abstratamente com base nas posições que os argumentos vão ocupar na língua, como se observa no português Mioto (*idem*).

O latim é uma língua que possui todos os casos marcados morfológicamente nos nomes, adjetivos, pronomes e numerais. Essa abundância morfológica permite que a língua possua uma certa liberdade de posições dos constituintes, além da posição prototípica SOV, liberdade que só é possível graças a marcação dos casos que permitem ter os papéis T específicos descarregados no argumento certo:

(42) a) Regin-a homin-em necauit SOV

NOM ACC

‘A rainha matou o homem’

b) Hominem Regina necauit OSV

c) hominem necauit Regina OVS

d) Regina necauit hominem SVO

Conforme os exemplos acima, é possível notar que não importa a posição que as palavras ocupem na sentença, o significado será sempre o mesmo, isso se deve por conta das marcas de caso nominativo (NOM) e acusativo (ACC). É nesses casos que se descarregam papéis semânticos específicos gerando o sentido. No nominativo o papel T descarregado é o tema, por outro lado no acusativo o papel T é o tema ou malefactive.

O mesmo não ocorre com o português, pois é uma língua que não possui caso morfológico e é a posição dos constituintes na sentença que irá interpretar qual o papel semântico que se deve descarregar em cada argumento:

(43) a) A rainha matou o homem

b) O homem matou a rainha

c) *O homem a rainha matou

d) *A rainha o homem matou

e) *Matou a rainha o homem

No exemplo *a*, a interpretação é clara de que *A rainha*, o caso nominativo, vai receber o papel T de agente; por outro lado caso *o homem*, no caso acusativo, vai

receber o papel T de tema ou malefactivo. Entretanto ao mudar a posição dos DPs na letra *b*, muda-se também a interpretação da ação, evidenciando que certamente mudou o caso e por conseguinte, o papel semântico descarregado em cada caso. Os exemplos *c*, *d*, e sequer seriam gramaticais por conta de não atenderem à ordem dos constituintes. Sendo assim, fica claro que o latim é uma língua que manifesta o caso morfológico e o português é uma língua que manifesta o caso abstrato.

Este módulo da teoria irá tratar da atribuição de caso. Na língua portuguesa, os casos podem ser nominativo, acusativo e oblíquo, os quais respeitam o princípio do Filtro de Caso da teoria, o qual diz que todo DP pronunciado tem um caso. Esse caso é atribuído por núcleos lexicais identificados com o traço [-N] (verbo e preposição) e o núcleo funcional I finito, ou seja, o núcleo da flexão. Em português, cada um desses atribuidores de caso possui apenas um caso para descarregar em cada DP. Esses constituintes que recebem os casos são o constituinte na posição de spec de I, que recebe caso NOM; o constituinte na posição de comp de V, que recebe caso ACC; e o constituinte na posição de comp de P, que recebe caso OBL.

O atribuidor do caso nominativo é o núcleo funcional I, e o receptor é o Spec do IP, mas para isso acontecer, é necessário ocorrer um movimento do DP do Spec do VP para Spec do IP, mesmo que tenha ocorrido esse movimento, o DP deixou seu vestígio no lugar de onde se movimentou.

No caso ACC, o atribuidor é o verbo, o receptor é o complemento dentro do V. Nessa situação, não ocorre movimento porque é nessa posição que o verbo descarrega o argumento, o caso ACC e o papel T desse constituinte.

Já no caso OBL, o atribuidor do caso é a preposição P, pois conforme o Filtro de Caso, o núcleo só pode atribuir um único caso, como V só tem o caso ACC disponível e esse caso é atribuído ao argumento interno, logo é a preposição que se encarrega de descarregar caso OBL. O receptor nessa situação é o Comp da P.

A ordem OSV/ [O[SuV]SV] na oração absoluta com verbo transitivo Souza (1994, p:173) mostra o morfema *-tibe* marcando o papel temático de tema/paciente do termo movido, além de marcar tempo passado:

(44) põrã_i [maria t_i ãye-**tibe**]

OBJ SUJ VT papel θ paciente/PASS

‘O colar, Maria fez’

(45) Daniel_i [maria t_i ãye-**tibe** kɔpailəgə]

OBJ SUJ ver papel θ paciente/PASS ontem
 ‘O Daniel, a Maria viu ontem’

A ordem SOV/[Su[OV]SV] na oração absoluta com verbo transitivo Souza (1994, p: 173,174):

- (46) maria_i kenkə [t_i pətʃi jukagã-ne]
 Maria PASS pote quebrar agente
 ‘A Maria, o pote quebrou’
- (47) maria_i kenkə [t_i ædə s- awge-ne]
 Maria PASS rede paciente rasgar agente
 ‘A Maria, a rede rasgou’
- (48) Maria y-âtâ n-akâji-tai
 maria 1^a.roupa 3abs.costurar- passado
 ‘Maria costurou meu vestido.’
- (49) ãngue ka y-âtâ s-akâji-ne
 quem int. 1^a.roupa 3abs.costurar-agente
 ‘Quem costurou o meu vestido?’
- (50) João pote n-ukaga-dai
 João pote 3.abs.quebrar.passado
 ‘João quebrou o pote.’
- (51) âdi ka João x-ukagâ-tibe
 que int. João 3abs.quebrar-paciente
 ‘O que João quebrou?’
- (52) João n-âe-tai
 João 3abs.chegar-passado
 ‘João chegou.’
- (53) ãngue ka ae-ne / âe-tibe

‘Quem chegou?’

4.2 Sentenças clivadas como estratégia de foco

A camada CP, conforme já mencionado, é lugar de repouso também do foco. Rizzi (1997) concebe essa camada como o lugar que estabelece a relação entre o conteúdo veiculado pelo IP e a estrutura que se refere à sentença superior, ou seja, o CP é o responsável pelos encaixes recursivos sentenciais. No entanto, cada sentença só pode ter um foco por conta da não recursividade desse constituinte, foco - pressuposição, conforme o exemplo de Rizzi, extraído de Quarazamin & Tescari (2020):

(54)

a. Il libro, a Gianni, domani, grielo darò senz' altro.

O livro, ao Gianni, amanhã, lhe+o darei com certeza.

b. *A GIANNI IL LIBRO darò senz'altro

AO GIANNI O LIVRO darei com certeza

No exemplo (a) é possível existirem vários tópicos, ao passo que no exemplo (b) só pode existir um foco por conta de ele veicular apenas uma única informação pressuposta.

Os tipos de foco já exaustivamente classificados na literatura, para Miotto (2004) o foco contrastivo como o que envolve contraste ou correção de informação anterior. Ao passo que as sentenças clivadas, as quais são representações de processos de extração de constituinte A-barrado na derivação. Para Miotto (2004), o foco possui os traços +contrastivo e +exaustivo. O traço semântico contrastivo diz respeito a escolha de uma proposição e a negação de uma alternativa contextual; o traço exaustivo, por seu turno, possui um conjunto de alternativas no contexto, dando valor de falsidade a todas menos a que é veiculada pela sentença. Por isso se diz que o foco contrastivo possui valor positivo para ambos os traços mencionados acima.

Sentenças clivadas são aquelas utilizadas para focalizar constituintes sintáticos por meio de movimento não argumental para uma projeção focal. Uma clivada canônica vai possuir a seguinte estrutura:

(55) Foi [A MENINA] que comeu a torta.

[Cópula + elemento focalizado + complementizador que]

(56) Foi [A TORTA] que a menina comeu.

Essa é uma construção muito comum na língua portuguesa, pois marca o foco usando cópula e o subordinador *que*, além da pressuposição que sempre as acompanha. Essas construções também são analisadas como orações bioracionais por possuírem dois verbos, a cópula e o verbo temático, os quais possuem convergência formal de concodância e de tempo.

Em bakairi, no entanto, as clivadas não atendem a essas estruturas canônicas porque são realizadas sem o verbo copulativo. Para além disso, toda extração de constituinte nominaliza o verbo.

Conforme mencionado anteriormente, as estruturas que podem ser extraídas das ilhas QU são os argumentos ou os adjuntos. As ilhas fortes não permitem extração nem de argumento, tampouco de adjunto. Por outro lado, as ilhas fracas permitem extração apenas de argumentos. Em bakairi, somente os verbos inergativos permitem que estruturas sejam extraídas de sua posição *in situ*, o que nos leva a pensar além do estatuto dos morfemas presos a essa categoria verbal, mas também no status do argumento deslocado.

Conforme mencionado na seção 2.5.3, os argumentos em bakairi são alinhados em S e O, e desalinhados em A. Entretanto, o sujeito intransitivo é interno ao VP, ou seja, eles são gerados na posição do objeto de verbos transitivos e recebem o caso absolutivo, tanto o inergativo quanto o inacusativo. Dessa forma, a única maneira de diferenciá-los é por meio dos papéis temáticos que esses argumentos recebem: agentividade para o sujeito inergativo e tema/paciente para o inacusativo.

4.3 Adjunção

Como se discutiu anteriormente, o deslocamento em oração absoluta não está isento de restrições, considerada a posição na sentença a qual se constitui num princípio de atribuição de caso. Somente a desestruturação através do movimento para foco permite a extraposição de argumentos em oração absoluta.

O deslocamento em orações absolutas pode ser restrito, mas existem exemplos de movimento em orações complexas como se observa nesses dados extraídos de Souza (1994):

(57) imyambyre_i xutuagi udodo t_i nimeagi

filhote sei onça abandonou

‘O filhote, eu sei que a onça abandonou.’

(58) pyanta_i setai awâlâ kulâ t_i ezenarrule

porta vi fechar

‘A porta, eu vi fechar sozinha.’

Para Souza (1994) são gramaticais porque a anteposição do objeto direto não interfere na interpretação do enunciado. Nem mesmo o exemplo (57) dá margem à ambigüidade. A ordem SOV prevê a adposição de dois SNs, e o deslocamento de um desses SNs, como no exemplo (58) poderia levar à indagação sobre a função sintática do argumento movido, já que o verbo espelha a concordância com o objeto direto (n-).

Assim, a adjunção em Bakairi, não licenciada em oração absoluta, vai ser permitida em construções complexas como as dos exemplos acima.

A ordem OVS, além de ter a posição do SN-sujeito restrita a pronomes de 1ª e de 2ª, pode ser confirmada também como ordem básica: a presença de pronome cópia nos exemplos (57) e (58) respaldaria a proposta de movimento do sujeito para a esquerda. Por outro lado, a possibilidade de se operar com pronome cópia para o sujeito de 1ª e 2ª pessoa permite diferenciar o processo de topicalização no Bakairi das línguas nominativo-acusativas.

4.4 Movimento QU

O movimento QU em Bakairi suscita uma série de discussões que envolvem, em grande medida, as estruturas morfológicas que marcam tempo, classe de verbos monoargumentais e partículas de atribuição de caso, Souza (1994). Uma das implicações do movimento QU nessa língua diz respeito ao desalinhamento de argumentos da ordem prototípica SOV, OVS, resultando nas nominalizações (indicação de papéis temáticos no verbo) e modalização verbal (marcas de modo e tempo).

4.5 Movimento-QU em Bakairi

Segundo Souza, o movimento-QU recobre a vinculação de categoria vazia sujeito e objeto através do movimento para foco, instituindo estruturas clivadas a partir de orações simples. Por ser a ordem um fator de atribuição de caso em Bakairi, as orações absolutas só permitem o deslocamento dos argumentos através do movimento-QU, dando lugar a uma construção complexa. As marcas nominalizadoras que decorrem da extraposição de argumentos anunciam o papel semântico do termo movido.

No exemplo (59) tem-se uma sentença transitiva com a ordem SOV. Entretanto no exemplo (60) no qual se tenta construir uma sentença interrogativa com palavra QU a estrutura se torna agramatical, uma vez que, em Bakairi, não é permitido mudar a ordem quando se extrai algum constituinte. Não é possível apagar arroz de OV e colocar uma palavra QU no lugar, a qual deixaria um vestígio co-indexado na categoria vazia, pois estaria extraindo o argumento marcado com o caso absolutivo de S, causando o desalinhamento dos argumentos, já que é nas posições pré-verbais - SV e OV - que o caso absolutivo é marcado. Entretanto esse desalinhamento ocorre apenas quando o papel temático é marcado formalmente no verbo, como no exemplo (57). Sob essa perspectiva, é que se optou por estabelecer uma diferença entre movimento e extração²², uma vez que, quando a palavra QU vai para o Spec do CP, ocorrem dois fenômenos: movimento, um deslocamento que deixa um gap; e extração, como desalinhamento de argumentos, a qual possui a mesma estrutura de construções de foco na língua, conforme se pode observar nos exemplos abaixo extraídos de Souza (*prelo*):

(59) ugondo aroi n-emagaze-ne (ontem)

²² Apesar de a teoria não estabelecer uma diferença entre movimento e extração, optei por seguir a orientação da Profa. Márcia Dâmaso, a qual, no exame de qualificação, chamou a atenção para essa diferença em Bakairi.

Homem arroz 3ABS - roubar - agente (o ladrão do arroz)

'Foi o homem que roubou o arroz.'

(60) ugondo erã aroi n-emagaze-dyle (hoje)

homem-foco arroz 3ABS-roubar-agente (o ladrão do arroz)

'Foi o homem que robou o arroz.'

(61) aroi erã ugondo ÿ -emagaze- tybe (o roubado)

arroz-foco homem 3ERG-3ABS-roubar-objeto

'Foi o arroz que o homem roubou'.

(62) aroi erã ugondo n-emagaze- tybe

Arroz - foco - homem - 3ABS-roubou-passado

'Foi o arroz que o homem roubou'.

(63) pōrã erã maria ÿ -ãye-tybe

colar foco maria 3ERG-3ABS-fazer-objeto (o feito dela)

'Foi o colar, o que a Maria fez'

(64) maria keãnkâ potxi x-ukaga-ne (ontem)

passado pote objeto-quebrar-agente

'Foi a Maria que quebrou o pote'.

Esse conjunto de dados mostra que o processo de extração do agente ou do objeto motiva o surgimento das partículas **-ne** e **-dyle** respectivamente, as quais são presas ao verbo. Esses morfemas são cumulativos, pois podem expressa, além marca de tempo passado, eles também funcionam como operadores de foco.

A construção de foco em Bakairi altera o alinhamento dos argumentos, por isso pode ser comparada ao processo de extração, pois clivadas são representações de

processos de extração de constituinte A-barras na derivação, conforme salientado por Miotto (2004). Nesse processo, o termo que é extraído deixa sua marca no verbo. Nos exemplos (59) e (60) as sentenças clivadas para focalizar o constituinte **ugondo** vão deixar a marca dessa agentividade **-ne** no verbo, pois as ordens SV e SOV marcam, gramaticalmente, o caso absolutivo, como já mencionado anteriormente, e se tem um processo de desalinhamento dessa ordem para atender o foco, mas a solução que o sistema da língua encontra é deixando marcado o papel semântico no verbo. Nos exemplos (59) e (60), a extração é feita para focalizar o objeto, e essa marca de tema/paciente é afixada no verbo por meio do formativo **-dyle**.

Para além disso, o papel semântico que essas marcas formais desempenham, também corroboram com as exigências dos traços [+ contrastivo] e [+ exaustivo], presentes na estrutura do foco. Esse, estabelecendo valores de falsidade a todas as outras alternativas contextuais, menos a veiculada na sentença; aquele, escolhendo uma proposição e negando todas as outras alternativas contextuais.

(65) ugondo aroi n-emagaze-dai

Homem arroz 3ABS-roubar-passado (hoje)

'O Homem roubou o arroz'

(66) * ânguy ugondo n-emagaze-dai?

QU homem 3ABS-roubar-passado

'O que o homem roubou?'

(67) ânguy ugondo n-amagaze-dyle?

QU homem 3ABS-roubar- PASS

O que o homem roubou?

(68) Maria y-âtâ n-akâji-tai

maria 1ª.roupa 3abs.costurar- passado

'Maria costurou meu vestido.'

- (69) ãnguy y-âtâ s-akâji-ne
 quem 1^a.roupa 3abs.costurar-agente
 ‘Quem costurou o meu vestido?’
- (70) João pote n-ukaga-dai
 João pote 3.abs.quebrar.passado
 ‘João quebrou o pote.’
- (71) âdi João x-ukagâ-tybe
 O que João 3abs.quebrar-paciente
 ‘O que João quebrou?’
- (72) João n-âe-tai
 João 3abs.chegar-passado
 ‘João chegou.’
- (73) ãnguy ae-ne / âe-tybe
 ‘Quem chegou?’

Nos exemplos (67), (69), (71) e (73), é possível observar que a palavra QU quando é movida para o Spec do CP, ela causa o desalinhamento dos argumentos e, portanto precisa deixar as marcas de agente ou de tema/paciente no verbo. Dada a restrição ao movimento livre de argumentos em bakairi, já que se atesta que a ordem atribui caso, Souza vai propor dois tipos de movimento: adjunção (topicalização) e movimento-QU.

Embora Souza (1994), enumere vários exemplos com o movimento-QU, nossa proposta é enveredar nessa discussão em duas direções: analisar a estrutura de movimento para foco e o movimento das palavras-QU à luz do que propõe a teoria X-barra.

Para além da função de marcar no verbo o papel temático constituinte movido, os morfemas **-ne** e **-dyle**, também assumem função cumulativa de indicação de tempo e modo nos verbos. A partícula **-dyle** faz parte do paradigma dos verbos inergativos, os que possuem tema em **taki-** (**tai** ~ **dai**).

(79) Tânia n-egatu-**dyle**

‘Tânia correu.’ (ontem)

(74) Tânia-erã egatu-**ne**

‘Foi Tânia que correu.’ (hoje)

(75) Tania peto-iwâge-pa n-egetu-**daí**

‘Tania deitou perto do fogo.’

(76) Tania-erã peto-iwâge-pa egetu-**ne**

‘Foi a Tania que deitou perto do fogo.’ (hoje)

(77) Tania-erã peto-iwâge-pa egetu-**dyle**

‘Foi a Tania que deitou perto do fogo.’ (ontem)

Como se pode observar nos dados (79) a (83), essas duas partículas ao mesmo tempo em que marcam o papel semântico dos argumentos no verbo, após o desalinhamento da ordem pelo processo de clivagem, o qual objetiva focalizar um elemento que é extraído, essas mesmas partículas também indicam um passado mais imediato e um passado recente, corroborando com a afirmação de Souza de que essas partículas expressam tempo, modo, papel semântico e nominalizações.

Por outro lado, os dados (78) e (79), Souza e Xagope (prelo), são agramaticais na língua.

(78) *põrã erã ãye-**tybe**

colar-foco fazer-**objeto**

‘Foi o colar, que foi feito.’

(79) *aroi erã emagaze- **tybe**

arroz-foco roubar-**objeto**

‘Foi o arroz, que foi roubado’.

A razão para a recusa desses exemplos, segundo minha análise, é que não se pode falar que alguma coisa foi feita, ou roubada, sem que se diga quem foi a pessoa que fez o colar, ou quem roubou o arroz, como se tem nos exemplos (80) e (86):

(80) pōrã **erã** maria ã -ãye-**tybe**
 colar-foco maria 3erg-3ab-fazer-**objeto** (= o feito dela)
 ‘Foi o colar, o que a Maria fez’

(81) aroi **erã** ugondo ã -emagaze- **tybe** (= o roubado)
 arroz-foco homem 3erg-3ab-roubar-**objeto**
 ‘Foi o arroz que o homem roubou’.

O outro dado que é possível rever é sobre a classificação de **erã** como marca morfológica de foco, como Souza analisa. Esta marca necessariamente não assinala foco, mas ocorre com determinadas construções de foco a saber:

(82) ugondo **erã** aroi n-emagaze-**dyle** (hoje)
 homem-foco arroz 3ab. roubar-**agente** (= o ladrão do arroz)
 ‘Foi o homem que roubou o arroz.’

(83) aroi **erã** ugondo ã -emagaze- **tybe** (= o roubado)
 arroz-foco homem 3erg-3ab-roubar-**objeto**
 ‘Foi o arroz que o homem roubou’.

A expressão **erã** marca quando o fato se realiza, no caso, no passado, mas no dia de hoje. Como a marca de aspecto **-dyle** pode marcar o presente (correspondendo ao gerúndio do português) e pode marcar o futuro, no sentido de que alguma coisa só vai se realizar/concretizar num tempo à frente, essa marca é usada em construções de foco para assinalar melhor que o fato já aconteceu, mas foi hoje, conforme já mencionado acima. Essa expressão ocorre também com a marca **-tybe**, para afirmar que um objeto foi roubado ou feito, só em determinado momento. O que é diferente dos adjetivos que são formados por essa marca, independente do momento, como por exemplo, **iladybe** ‘molhado’, e outros.

Por seu turno, o movimento QU com verbos inacusativos e inergativos segue a mesma estrutura morfológica dos verbos transitivos, claro, respeitando o conjunto

de partículas específicas que representam os paradigma das duas classes de intransitivos, as quais já foram elencadas na seção sobre Morfologia Verbal.

(84) yamundo n-õjake-**agi**

menino 3ABS-vomitar-PASS

‘O menino vomitou’

(85) ymaundo-erã õjake-**ne**

menino- foco vomitar-PASS

‘Foi o menino que vomitou.’ (hoje).

(86) yamundo-erã õjake -**ybe**

Menino-foco vomitar-PASS

‘Foi o menino que vomitou.’ (ontem)

(87) yamundo n-irruge-**agi**

Menino 3ABS-cair-PASS

‘O menino caiu’

(88) yamundo-erã se-wâgâ irruge-**ne**

Menino-foco árvore-em cima cair -PASS

‘Foi o menino que caiu da árvore.’ (hoje).

(89) yamundo-erã se-wâgâ irruge- **-ybe**

Menino-foco adv. Árvore cair-PASS

‘Foi o menino que caiu da árvore.’ (ontem)

Nos exemplos (85), (86), (88) e (89) de verbos inacusativos, a clivagem motiva o surgimento dos morfemas que acompanham essa classe de verbos monoargumentais, cujo paradigma é aki ~ agi; apresentam como marca de passado o morfema **-ibe**, a marca de aspecto contínuo **-ile**; a partícula transitivizadora **nã ~ Ø**, o verbalizador **-ke ~ -gue** e o operador de foco **-erã** e o inversor de diatese **-ad**.

Entretanto, há restrição da extraposição do paciente sem paridade com o agente ou sem paridade com o instrumental, conforme os exemplos abaixo:

(90) pepi_i [t_i aulolâ xitiwa-ne saguno-ge]

Canoa sempre afundar-agente areia-com

‘A canoa, sempre afunda com a areia’

(91) João_i [t_i âe-ne ãulolâ kahu-odai]

ele chegar-agente sempre carro-dentro

‘O João, ele sempre chega de carro’

Nos exemplos (90) e (91) ocorre a extração, cujo resultado é o surgimento da marca de agente **-ne**, no tempo presente, a qual é expressa no verbo para indicar também o papel semântico do termo movido.

Nos exemplos do Bakairi que seguem, ocorre o que Souza (1994 e 2022 no prelo) chama de expansão de diátese em Bakakri. A diátese verbal, ou vozes do verbo, são as configurações que o verbo assume para indicar sua relação com o sujeito, seja agente ou paciente. Na sentença (97) do português, a relação entre **João e comeu** é uma relação ativa, pois o sujeito João é o agente da sentença. Ao passo que na sentença (93), a relação entre **João e foi traído** é uma relação passiva, pois o sujeito é paciente.

(92) João comeu o bolo.

(93) João foi traído por Pedro.

Em Bakairi, o verbo inacusativo não permite uma sentença do tipo

(94) Tania n-õjake-**agi**

3^a.ABS-vomitar-**passado**

‘João vomitou’

(96)*Tania vomitou a carne (= carne-ge, carne-instrumental)

(97) Tania n-õjake-**agi**

menino 3^a.ab-vomitar-**passado**

‘O menino vomitou’

(98) Tania òjake- **jn** [~ -ne]²³

menino-foco vomitar- **agente**

‘Foi o menino que vomitou.’ (hoje).

(99) Tania erã òjake-**ibe**

Menino-foco vomitar- **paciente**

‘Foi o menino que vomitou.’ (ontem)

(100) *Tania karne n-òjake-**agi**

3^a.ab-vomitar-**passado**

Tania vomitou a carne

4.6 As Palavras-QU da língua Bakairi

A construção interrogativa em bakairi utiliza as palavras QU que podem ser movidas para a periferia esquerda da sentença, mas as interrogativas também podem ser construídas pela ausência dessas palavras QU, ou seja, apenas uma modificação na ordem dos constituintes pode gerar uma sentença interrogativa. Conforme Souza (1994, 2006) a ordem OV é a que descarrega caso estrutural ao SN-objeto e uma alternância nessa ordem, VO, por exemplo, gera uma sentença com sentido interrogativo. O mesmo ocorre com o sujeito das sentenças intransitivas, a posição gerada na base é a SV é uma sentença declarativa, mas se a ordem inverte para VS, a sentença passa a ser interrogativa. Entretanto, o sujeito de sentenças com verbos transitivos pode aparecer em duas posições: SOV que só ocorre quando o *slot* mais à esquerda for preenchido por um SN pleno (nome, pronome livre de 3^a pessoa), por outro lado a estrutura OVS ocorre quando o sujeito vier preenchido por pronomes de 1^a ou 2^a pessoa, a ordem será OVS.

Nos dados de Souza, pude elencar algumas palavras QU que parecem derivar de alguma raiz comum devido à semelhança:

²³ A forma nasalizada [-ein] advém da queda do [n] intervocálico. Já mencionamos (cf: nota 4) que esta é uma regra histórica que atingiu várias palavras em Bakairi. Além de atingir as raízes de palavras com mais de duas sílabas, esta regra se reaplica no processo de sufixação, quando a consoante nasal ocorre entre duas vogais semelhantes, dando lugar ao ditongo nasal. A sílaba nasalizada, por sua vez, atrai para si o acento, ficando as palavras com terminação nasal oxítonas.

- ['ãnge]:** quem
[odo'ra]: como
[odo'raka]: quando
[âdiga]: onde
[adaitw'o]: por que
[âdi]: o que

Com base nessas informações, podemos observar como se comportam algumas sentenças com palavra QU descritas acima:

(102) 'ãnge ka æ -ne?'

QU vir -agente

'Quem vem vindo/lá?'

(103) 'ãnge y- âtâ sakâgi-ne?'

QU 1ªSG - vestido - costurar - agente

'Quem costurou o meu vestido?'

(104) 'ãnge koga xiga -ne -pire?'

QU cesto fazer -agente- passado

' Quem fez o cesto?'

Nos três exemplos acima, há caso de movimento de QU de sua posição prototípica que expressa interrogação, ou seja, a ordem OVS (1ª e 2ª pessoas) mudou para a ordem SOV (3ª pessoa), porque houve o movimento da palavra **ãnge**, como já mencionado. Esse constituinte QU orienta a resposta por possuir uma parte dessa resposta nos traços de agentividade e de animacidade: QU + pessoa.

Além dessas características da palavra QU, há ainda as observações que se deve fazer sobre a rigidez das relações dos constituintes na árvore e o elemento atribuidor de caso e papel temático no elemento movido.

Como já mencionado anteriormente, a língua bakairi é sintaticamente ergativa, desse modo, o sintagma QU dos exemplos (102), (103) e (104), nascem na

posição de argumento interno ao VP, local onde são interpretados, mas o *spell-out* é realizado no Spec do CP. Entretanto, antes de fazer esse movimento, o constituinte já recebeu o caso e o papel temático, quais sejam: o caso absoluto e o papel temático de agente. Nessas sentenças acima, a partícula agentiva **-ne** é a responsável por atribuir papel temático de agente ao sintagma QU, e a posição entre os constituintes e o verbo é que atribuem o caso ao argumento.

(105) ədi ka ʒwãw ã -u -ipe
 QU João 3^asuj./3^aob-caçar-paciente
 ‘O que João caçou?’

Sob essas condições é que a ergatividade sintática se manifesta seja na expansão da diátese verbal, no movimento de extração ou de palavra QU, ou de foco, ou de clivagem.

A extração de palavra QU é que permite a subordinação na língua. Só existe texto em Bakakri, se houver extração para costurar o texto por meio desses constituintes alocados na periferia esquerda. Só pode haver desalinhamento na ordem prototípica SOV ou SVO se se mantiver o papel temático do constituinte extraído. Só pode extrair constituinte de um verbo inacusativo se o o verbo for nominalizado. Só pode transitivizar os intransitivos se mantiver o papel temático. Essas são algumas das particularidades do movimento na língua Bakakri.

Mas a relação entre extração de palavra QU, foco e a ergatividade é o consegue estabelecer, por exemplo, a diferenciação entre as duas classes de verbos intransitivos. Uma vez que, o argumento desses verbos é gerado dentro do VP, na mesma posição do objeto de verbos transitivos, e são marcados com o caso absoluto. Desse modo, apenas o papel temático é que vai poder marcar a diferença entre esses verbos, pois quando se extrai a marca de agente **-ne** ou tema/paciente **-tybe** para verbos inergativos precisam vir marcadas no verbo, para indicar o elemento que foi movido. Ao passo que as marcas dos verbos inacusativos.

Os verbos inacusativos em Bakairi marcam o passado em **-aki**; quando da extração do sujeito interno ao VP (caso absoluto) o **-ne** ‘agente’ ocorre com sentenças enunciadas no presente e o **-ibe** ‘paciente’ ocorre com sentenças enunciadas no passado. Esse recurso, portanto, consegue dar conta de mostrar que, apesar de ambos

os argumentos serem marcados com o caso absoluto, são os papéis temáticos que demarcam as diferenças entre eles.

Com base em Chomsky (1995), em línguas como o Bakairi, o verbo atribui caso absoluto ao argumento, ao passo que o argumento externo recebe caso ergativo inerente ou lexical. Todo argumento externo tem o gatilho chamado transitivizador que pode ser morfologizado ou zero conforme exemplos (107) e (108), ou os morfemas *ã* ~ *nã* nos exemplos (109) e (110).

(106) [CP [João_i [pote_j n-ukaga-dai]]

joão pote 3.obj-quebrar-passado

‘João quebrou o pote.’

(107) potxi n -**ad** -ukaga - dai

3^a-abs-**inversor**-quebrar

‘O pote quebrou.’

(108) pepi. n-eti-agi

Canoa 3suj - afundar-PASS

‘A canoa afundou’

(109) akaimo pepi n-eti-an-dai

canoa 3ob-afundar-transitivizador-passado

‘Eles afundaram a canoa’

Uma árvore que expresse o tipo de extração QU na língua Bakairi seria com as configurações abaixo da sentença:

(110) ugondo **erã** aroi n-emagaze-**dyle** (**hoje**)

homem-foco arroz 3abs. roubar-**agente** (= o ladrão do arroz)

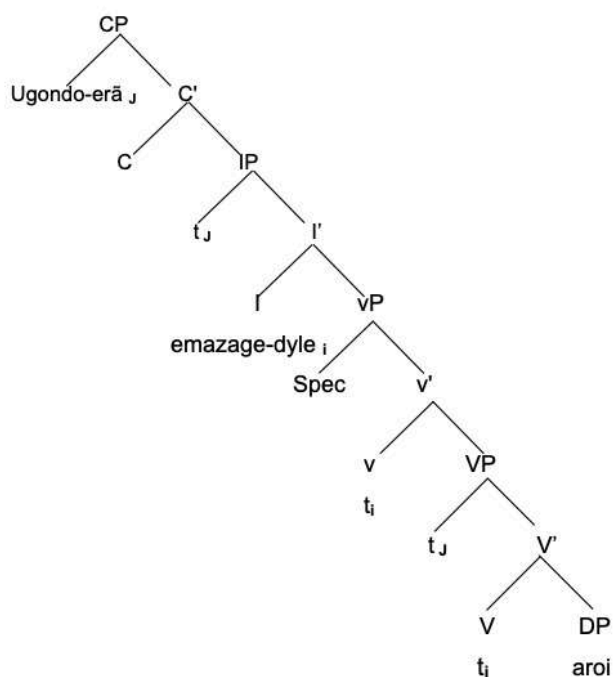


Figura 19: árvore de sentença clivada

- a) Clivadas: É/Foi/Era [X]constituante clivado [que ...]oração clivada
- b) Clivadas-QU: É/Foi/Era [X] constituante clivado [quem/o que ...]oração clivada

Os dois tipos de extração que ocorrem na língua obedecem a essa mesma configuração arbórea. Em ambas o desalinhamento dos argumentos provoca a marcação dos papéis temáticos para mostrar qual o constituinte extraído e que papel semântico eles desempenham no sistema da língua, já que pelo caso não é possível deduzir isso.

5. Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo discutir os constituintes A e A-barra em sentenças simples da língua Bakairi (Caribe), por meio de alguns módulos da teoria gerativa X-barra.

Com relação aos objetivos expostos na introdução, concluímos que:

a) A ergatividade sintática é responsável por estruturar a língua Bakairi de maneira ampla. Souza (2006 e 2012) já havia feito esses apontamentos, pois segundo a pesquisadora, a preservação dos papéis temáticos, por exemplo, é o motivo pelo qual restrições de co-referencialidade, vinculação e controle não sejam um problema porque a ergatividade não se expressa formalmente com marcas nominais de caso. Essas marcações dos casos absoluto e ergativo no nome não ocorrem de maneira prototípica na língua Bakakri, Souza (1994) uma vez que, essa língua utiliza de outros expedientes para marcar ergatividade: a preservação dos papéis temáticos, por exemplo, é o que garante a coerência estrutural no sistema da língua;

b) Neste trabalho, acrescentamos um outro aspecto sobre o movimento QU, o qual já foi desenvolvido por Souza (1994), com vistas a replicar os resultados a partir de um novo conjunto de dados. Nos dados retirados de Souza (1994), observa-se que em Bakairi não existe apenas o movimento da palavra QU formalmente materializada em formas como: ([**'änge**] quem, [**odo'ra**] com, [**odo'raka**]: quando, [**âdiga**]: onde, [**adaitw'o**]: por que, [**âdi**]: o que, para a periferia esquerda, como ocorre no português e em outras línguas. Em Bakairi esse movimento desalinha os argumentos, mas para manter a coerência do sistema da língua, os papéis semânticos atrelados aos constituintes extraídos deixam suas marcas no verbo;

c) Apesar de a teoria não estabelecer uma diferença entre extração e movimento, há um estatuto diferente entre esses constituintes, pois, segundo a teoria, os que são movimentados de sua posição prototípica, deixam um *gap* que é c-comandado pelo constituinte deslocado para outra posição, por outro lado, na língua Bakairi, os constituintes que são extraídos precisam deixar as marcas de agentividade ou tema/paciente no verbo.

Esses itens supracitados são importantes de serem ressaltados, pois envolvem o sistema de marcação de caso, alinhamento de argumentos, palavras QU e

tipos de extração que podem ser implementados pelo sistema da língua. Por exemplo, verbos monoargumentais que ocorrem em Bakairi, possuem distinção em termos estruturais, já que apresentam morfemas que indicam se são inergativos ou inacusativos. Entretanto, ambos os argumentos desses verbos são internos, daí essa necessidade de os papéis semânticos indicarem que argumento está sendo extraído: agentivo ou tema/paciente, uma vez que ambos são marcados com o caso absoluto.

À guisa de conclusão, os resultados obtidos nessa investigação demonstram a dimensão dos estudos que ainda precisam ser feitos em relação ao tema das palavras QU na língua Bakairi. Nesta pequena proposta, para além de tudo, foi possível também identificar a contribuição que línguas minorizadas têm a dar para o debate linguístico e para o aprimoramento das teorias.

Referências bibliográficas

AUGUSTO, M. R. A. *As restrições de ilha e a Teoria Gerativa: resíduos para o Programa Minimalista*. Cad.Est.Ling., Campinas, (34):51-65, Jan./Jun. 1998.

BELLETTI, Adriana. *Aspects of low IP area*. In: RIZZI, Luigi (ed). *The Structure of CP and IP: the cartography of syntactic structures – vol. II*. Oxford University Press, 2004.

BIBER, Douglas et all. *Corpus Linguistics: investigating language structure and use*. Londres: Cambridge University Press, 1998.

BONFIM, Evandro de Sousa. *A pessoa Inclusiva em Bakiri: morfologia pronominal e ontologia de línguas Caribe*. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 35-53, jan./jun. 2015.

_____. kurâ itanro: cosmopolítica e língua entre os bakairi. Espaço Ameríndio (UFRGS), v. 9, p. 35-53, 2015.

BURZIO, L. *Intransitive Verbs and Auxiliaries*. Italian Syntax A Government-Biding Approach, Dordrecht, Holland: D. Reidel Publishing Company, 1986

CAPRISTANO DE ABREU, J.C. Os Bacaerys, Revista Brasileira, 1o. ano, Tomo III e IV, Rio de Janeiro, 1895.

CINQUE, G. *Types of A' Dependencies*, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts, 1990

_____. *Adverbs and Functional Heads: a cross-linguistic perspective*. Oxford University Press, Oxford, 1999.

CHOMSKY, N. On Wh-Movement. Formal Syntax. P.Coulicover, T.Wasow and A.Akmajian, eds., New York, Academic Press, 1977.

_____. & H. Lasnik *Principles and Parameters Theory*. In: J. Jacobs, A. von Stechow, W. Stemfeld & T. Vennemann (eds) *Syntax: an international handbook of contemporary research*, Walter de Gruyter, Berlim, 1993.

_____. *Reflections on Language*. Pantheon, 1975.

_____. Lectures on Government and Binding. Dordrecht: Foris, 1981.

_____. A Minimalist Program For Linguistic Theory, Cambridge: The MIT Press, 1995.

COLLET, Célia Letícia Gouvêa. *Ritos de Civilização e Cultura: a escola Bakairi*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

GILDEA, Spike Lawrence Owen. *Comparative cariban morphosyntax: on the genesis of ergativity in independent clauses*. Tese - University of Oregon: 1992.

GREENBERG, Joseph. *Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements*. Massachusetts: Cambridge. 1963 pp. 73–113.

_____. Research on language universals». *Annual Review of Anthropology*. 4: 74-94

HAIDER, H. The Case of German. *Studies in German Grammar*, ed. J. Toman. Dordrecht: Foris, 1985.

HARLEI, H. On the causative construction. (ms), Arizona, USA: University of Arizona, 2006.

LAMEGO, Fernanda Guimarães. *Os Bakairi: da passagem de Karl Von den Steinen ao projeto do PDPI*. Brasília: UNB, 2006.

MEIRA, Sérgio; FRANCHETTO, Bruna. *The southern Cariban languages and the Cariban family*. *International Journal of American Linguistics*, v 71, p. 127-192, 2005.

MIOTO, C; SILVA, M.C. F; LOPES, R. *Novo Manual de Sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2014.

MARANTZ, A. Relations and configurations in Georgian. (ms) Carolina, Chapel Hill: University of North, 1998.

McGINNIS, M. Case and locality in L-Syntax: Evidence from Georgian. *MITWPL* 32, 1998:139-158

PERLMUTTER, D. Impersonal passives and Unaccusative Hypothesis. Berkeley Linguistics Society 4, 1978: 157-189.

_____. Sérgio. *A família linguística Caribe (Karib)*. Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI, Brasília, 2006, v. 3, p. 157-174.

_____. *O linguista e a ortografia indígena: o caso de língua Bakairi*. Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI, Brasília, 2004, v. 1, p. 73-99.

ROSS, I R. (1967) *Constraints on Variables in Syntax*, Dissertação de PhD, MIT.

RIZZI, L. *The fine structures of left periphery*. In: HAEGEMAN, L. (Ed.) *Elements of grammar*. [S. l.]: Kluwer Academic Publishers, 1997, pg.281-337.

SOUZA, T.C.C. de. *Discurso e Oralidade – Um estudo em língua indígena*. [Tese de Doutorado], Universidade Estadual de Campinas: 1994

_____. O traço sonoro em Bakairi. In: WETZELS, L. *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

_____. Alguns aspectos da ergatividade em Bakairi (Karib). *Estudos da Língua(gem)*, vol. 4, n.2, Vitória da Conquista: Edições UESB: 2006.

_____. *Verbos inergativos e inacusativos em Bakairi e marcação de caso*. Comunicação no XXVII ENANPOLL, Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2012

_____. Aspectos morfossintáticos dos verbos inacusativos e inergativos em Bakairi (Karib). Comunicação no 54 International Congresso f Americanists. Viena, Áustria, 2012

_____. *Discurso e Oralidade: um estudo em língua indígena*. Niterói, Tese de Doutorado, MCII, 1999.

_____. In: *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*, Ed. UFRJ, 1995, p 29-51.

_____. Ergatividade e funcionamento dos verbos em Bakairi (Karib). *Revista FSA (Faculdade Santo Agostinho)*. , v.11, p.263 - 287, 2014.

_____. Mito e discursividade: um processo metonímico. *Boitatá*. , v.6, p.23 - 35, 2008.

_____. Alguns aspetos da ergatividade em Bakairi (Karib). Estudos da Língua(gem). , v. 4, p.137 - 152, 2007.

_____. Referencialidade em Bakairi. Amérindia (Paris). , v.28, p.201 - 212, 2004.

_____. The Syntax Of An Ergative Language. REVISTA LATINOAMERICANA DE ESTUDIOS LINGÜÍSTICOS. , v.8, p.17 - 39, 1994.

_____. Syntatic patterns in Bakairi Language (Caribbean) In: Studies in Native American Linguistics ed.Berlim : Muench, 2010, v.1, p. 43-68.

_____. Discours et médiation en bakairi (langue caribe, Brésil) In: L'énonation médiatisée II.1a. ed.Louvain; Paris : Éditions Peeters, 2007, v.II, p. 205-218.

_____. Gestos de leitura em línguas de oralidade In: A LEITURA E OS LEITORES.1 ed.CAMPINAS : PONTES, 1998, p. 155-170.

_____. Perspectivas de Análise do Discurso Numa Língua Indígena: O Bakairi In: DISCURSO INDÍGENA: A MATERIALIDADE DA LÍNGUA E O MOVIMENTO DA IDENTIDADE.1 ed.CAMPINAS : UNICAMP, 1991, p. 09-44.

_____. Questões sobre ergatividade na língua Bakairi (Carib) In: XIV Congreso ALFAL, 2006, Monterey. **Actas del XIV Congreso ALFAL.** , 2006. p.9 – 21

_____.Referencialidade e Enunciação Em Bakairi In: III Jornadas de Linguística Aborigen, 1997, Buenos Aires. **Actas de las III Jornadas de Lingüística Aborigen.** Buenos Aires: , 1997. p.319 - 328

_____.Enunciação e Oralidade In: II Jornadas de Lingüística aborigen, 1994, Buenos Aires.

_____.Actas de las II Jornadas de Lingüística Aborigen. Buenos Aires,: , 1994. p.347 – 368.

_____. The Case Of Consonantal Harmony In Bakairi Language (Carib). In: SIXTH INTERNATIONAL PHONOLOGY MEETING, 1988, Krems. **SIXTH INTERNATIONAL**

PHONOLOGY MEETING - Abstracts. KREMS, AUSTRIA: University of Viena, 1988. p.20 - 20.

XAGOPE, Valdo Kutaiava. *kurâ xunâry: memória do povo kurâ bakairi*, dissertação (UFRJ), 2018.

<http://www.etnolinguistica.org/> Biblioteca Digital Curt Nimuendaju

<http://www.mapas-brasil.com/mato-grosso.htm>

<http://titus.uni-frankfurt.de/didact/karten/amer/samerim.htm>